

# LULA É DE NOVO A ESPERANÇA

**O ex-presidente reacende a expectativa — no Brasil e no mundo — de dias melhores para o povo brasileiro, com o lançamento oficial de sua candidatura, ao lado de Geraldo Alckmin, para as eleições de 2022. Líder nas pesquisas, ele promete: é hora de restaurar a soberania e conduzir a Nação de volta para o futuro**

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 9 de Maio de 2022 Nº 57

A maioria das mulheres rejeita fortemente o atual governo

O Golpe de 2016 no podcast de Mano Brown com Dilma

Como o PT salvou o país? Cortando despesas com pessoal

Mauro Borges: A venda da Eletrobrás prejudica o país



focus  
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

#### CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

#### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

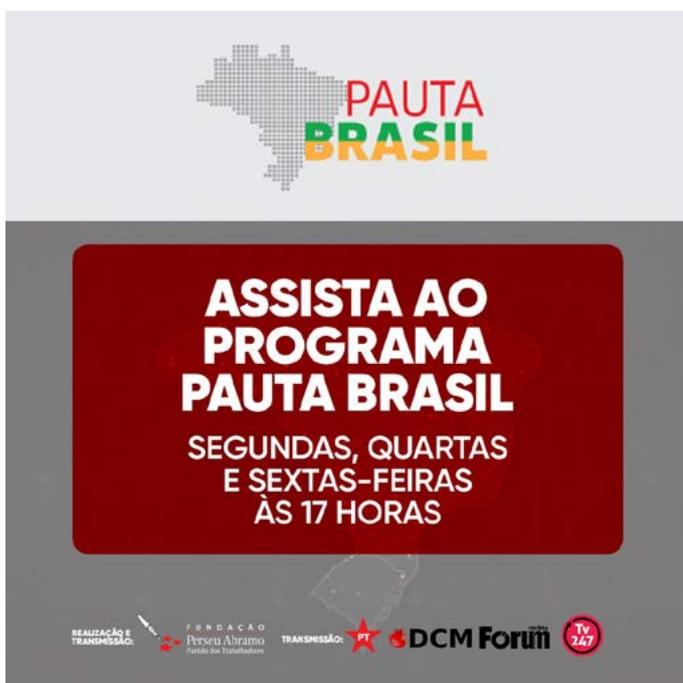
#### CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



NESTA EDIÇÃO

# AGORA É HORA DE COLOCAR O PAÍS DE VOLTA PARA O FUTURO

Ricardo Stuckert



Tendo Alckmin como vice, Lula lança sua campanha à Presidência e renova a esperança de dias melhores.

Página 10

**EDITORIAL.** Vamos juntos pelo Brasil retomar a democracia e a soberania

Página 4

**ELEIÇÕES.** Imprensa estrangeira destaca a volta de Lula ao jogo eleitoral

Página 7

**ALIANÇA.** Lançamento da chapa Lula-Alckmin reuniu lideranças e militância dos diversos partidos da frente Vamos Juntos Pelo Brasil

Página 9

**UNIÃO.** Com Covid, o ex-governador Geraldo Alckmin gravou vídeo para o ato em São Paulo em que afirma a urgência de dar dignidade ao povo

Página 11

**LULA.** Discurso de Lula enfatiza a importância de defender a soberania

nacional e retomar o caminho democrático

Página 14

**PESQUISAS.** Eleitorado feminino segue sendo o que mais reprova ao governo

Página 20

**MÍDIA.** Mano Brown entrevistou a ex-presidenta Dilma sobre impeachment, racismo, educação e feminismo

Página 22

**SAÚDE.** Piso salarial da enfermagem, projeto criado pela Bancada do PT garante dignidade de renda aos profissionais que estão na linha de frente.

Página 24

**ECONOMIA.** Como o PT salvou o Brasil? Reduzindo

as despesas com pessoal.

Página 26

**OPINIÃO.** César Calejon debate como os ricos brasileiros são capazes de dominar 190 milhões de habitantes que vivem com R\$ 2,5 mil por mês

Página 28

**ARTIGO.** Mauro Borges Lemos mostra que a venda da Eletrobrás nos moldes propostos é lesiva aos interesses dos brasileiros.

Página 30

**MEMÓRIA.** MUma manifestação de estudantes deu início ao Maio de 68 em Paris; em 2007 é realizada a primeira sessão do Parlamento do Mercosul.

Página 32



# VAMOS JUNTOS PELO BRASIL

Aloizio Mercadante

**A** aliança entre Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, adversários políticos nas últimas décadas, significa muito diante da gravidade do momento que o Brasil vive. Foram seis eleições presidenciais marcadas pela polarização entre dois programas, de 1994

até 2014. São mais de 20 anos de divergências que agora estão em segundo plano.

No lançamento da chapa, no sábado, 7, Lula expôs os motivos que nos levaram a propor tal aliança: "O grave momento que o país atravessa, um dos mais graves da nossa história, nos obriga a superar eventuais divergências para construirmos juntos uma via alternativa à in-

competência e ao autoritarismo que nos governam".

Nossa tarefa primordial é derrotar Jair Bolsonaro e combater o movimento neofascista chamado de bolsonarismo, responsável pela geração de ódio e mentiras que vêm assolando e dividindo o país. Nosso dever é impedir mais retrocessos e restaurar a democracia. O movimento "Vamos Juntos

Pelo Brasil” é encampado por PT, PSB, PCdoB, Solidariedade, PSOL, PV, Rede Sustentabilidade, centrais sindicais, movimentos sociais e atores políticos independentes.

O peso da formação deste movimento político que tem Lula na liderança absoluta em todas as pesquisas eleitorais, até com a possibilidade de vitória em primeiro turno, faz com que Jair Bolsonaro se desespera. A preocupação está evidente.

Diariamente, o atual presidente busca gerar desconfiança sobre o sistema de votação, a Justiça Eleitoral e as urnas eletrônicas. Por acaso, é o mesmo sistema que o elegeu, mas o bolsonarismo tem essa tendência de distorcer a realidade, de utilizar a mentira para promover o caos e seu projeto de poder.

O resultado desse total desgoverno é a fome, a carestia, o aumento da miséria e da desigualdade. Jair Bolsonaro e seu grupo político provocaram retrocessos em tantas áreas que é até difícil apontar cada uma delas em apenas um texto.

A educação, fundamental para o presente e o futuro de qualquer país, foi completamente abandonada. Entre todos os nomes que passaram pelo MEC, o que há em comum é a completa falta de políticas públicas e gestão. A ideia de que universidade não é para todos.

Outra área fundamental para o futuro do Brasil e do planeta, que vem sofrendo ataques sem precedentes é a ambiental. O desmatamento cresceu 300% em relação ao governo do PT, e já atingiu 1 mil quilômetros quadrados no mês de abril. Nunca as florestas, os povos originários e as famílias do campo estiveram tão ameaçados e sofreram tanto.

Essa política irresponsável transformou nosso país em um

pária internacional. Enquanto o mundo está pensando maneiras de promover uma transição ecológica, em criar uma economia verde e sustentável, o governo Bolsonaro é conivente com a destruição e nega a grave crise climática que ameaça o futuro da vida no planeta.

Bolsonaro e seus aliados não são apenas negacionistas da pandemia, mas também do clima. Enquanto nenhum chefe de Estado dialoga com o atual presidente, que acaba de ser desconvocado para a reunião do

## JUNTAS, AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E PROGRESSISTAS CONSTRUIRÃO O PLANO DE GOVERNO PARA RECOLOCAR O BRASIL NO CAMINHO DO FUTURO PARA TODOS

G7, Lula é ouvido pelo mundo todo e demonstra ter credibilidade junto a chefes de Estado e aos mais importantes veículos de imprensa internacionais.

Infelizmente, não é pequena a parcela da imprensa corporativa brasileira que tenta negar o respeito que o resto do mundo tem por Lula. A decisão recente da ONU sobre a perseguição judicial contra o ex-presidente e o espaço que tem recebido

dos mais importantes veículos de imprensa internacional, como a revista Time, refletem a imensa torcida que o mundo civilizado e democrático mantém em relação à sua provável vitória eleitoral.

O lançamento oficial da chapa de Lula e Alckmin é o início do fim do obscurantismo imposto ao Brasil por Bolsonaro. Junto com o ex-governador e os partidos aliados Lula vai promover uma grande união nacional para reconstruir o Brasil.

A intolerância política será derrotada assim como a interdição do debate sobre o que realmente importa para o povo brasileiro. Homens e mulheres da cidade e do campo, negros e negras, indígenas, quilombolas, a juventude, a comunidade LGBTQIA+ e os movimentos sociais e populares se unem na gigantesca liderança de Lula para trazer de volta a verdade, a paz, a oportunidade e o fim das mentiras.

Juntas, as forças democráticas e progressistas construirão o plano de governo para recolocar o Brasil no caminho da garantia de direitos, do crescimento com reindustrialização, da transição digital, da recomposição salarial e geração de empregos, da justiça social e mais qualidade de vida, do desenvolvimento sustentável e democracia plena. Vamos fazer com que o Brasil volte a investir em educação para todos, em pesquisa, ciência, tecnologia e inovação.

Como diz Lula, vamos utilizar “o coração junto com a razão” para construir bases sólidas de uma Nação que será livre da fome e líder em preservação do meio ambiente, em desenvolvimento sustentável e em geração de tecnologia de ponta para uma economia verde. A luta se intensifica agora. •



# DERROTAR O ATRASO E RECOMPOR A NAÇÃO

A imprensa estrangeira saúda a entrada de Lula na disputa presidencial – ainda que apenas como pré-candidato, destacando a estratégia do PT de correr para o centro, unir o Brasil e vencer a eleição contra Jair Bolsonaro. A batalha eleitoral pode resultar na volta do país ao protagonismo internacional perdido desde o Golpe de 2016 que tirou Dilma da Presidência

A entrada de Luiz Inácio Lula da Silva, o maior líder político brasileiro nos últimos 50 anos, na corrida presidencial de 2022 está sendo saudada pela imprensa internacional como a volta do único dirigente capaz de impedir a reeleição do abominável Jair Bolsonaro. As agências internacionais de notícias trataram de disparar longos despachos no final da semana apontando a volta do ex-presidente do Brasil ao jogo eleitoral. E as chances reais de vitória do petista, que levarão à derrocada do líder da extrema-direita nacional, considerado uma aberração política em todo o planeta.

O ato político que celebrou a aliança de Lula e do ex-governador Geraldo Alckmin, ocorrido no sábado, 8, foi tecnicamente o lançamento da pré-campanha, já que a lei não permite candidaturas formalmente antes de 5 de agosto. “O ex-presidente lidera todas

as pesquisas para retornar ao cargo que ocupou de 2003 a 2010”, destacou informe da Associated Press distribuído nos cinco continentes.

Nada mal para Lula, alvo constante de ataques da imprensa corporativa brasileira, na tentativa de minar as chances de vitória do ex-presidente. O lançamento da chapa Vamos juntos pelo Bra-

sil coroou uma semana de êxito e boa visibilidade internacional para Lula, capa da revista *Time* lançada na quarta-feira, 4, apresentado como o “líder mais popular do Brasil Presidente retorna do exílio político com a promessa de salvar a Nação”. A estratégia política de Lula de buscar adversários para a reconstrução de um país fraturado desde o Golpe de 2016, que derrubou Dilma Rousseff, foi explicada pela imprensa internacional.

A imprensa europeia, assim como a estadunidense, sempre mostrou o tamanho do prestígio de Lula no cenário internacional. O francês *Libération* destacou na edição dominical, 8: *Lula se vê na cabeça de uma “frente republicana” diante do perigo de Bolsonaro ser reeleito.* “Favorito da eleição de 2 de outubro, o chefe do PT lança sua pré-campanha no sábado e se apresenta como um grande unificador contra o atual presidente, que está su-



## Lula launches campaign to reclaim Brazilian presidency from Bolsonaro

Leftwinger tells rally that public must unite against far-right incumbent's 'incompetence and authoritarianism'



**PRESTÍGIO** Alguns dos principais jornais europeus, como *The Guardian* e *Le Monde*, deram espaço para o lançamento da candidatura de Lula, destacando a aliança com ex-adversário para derrotar o extremista de direita

bindo nas pesquisas”, aponta o diário francês.

No outro famoso jornal parisiense, o *Le Monde*, a pré-candidatura de Lula também ganhou destaque, inclusive na capa do jornal de segunda, 9. *Lula anuncia sua candidatura às eleições presidenciais para “reconstruir o Brasil”* – diz a manchete. O jornal informa que o petista anunciou que concorrerá a um terceiro mandato nas eleições de outubro após a gestão “irresponsável e criminosa” de Bolsonaro.

O inglês *The Guardian* deu amplo destaque à notícia, relatando que *Lula lança campanha para recuperar a Presidência do Brasil ocupada pelo polêmico Bolsonaro*. “Esquerdista diz em comício que o público deve se unir contra a ‘incompetência e o autoritarismo’ do governante de extrema direita”, aponta o jornal. E o britânico *Financial Times*: *Lula mira eleitores de centro no lançamento da campanha de reeleição no Brasil*. “Ex-presidente de esquerda promete defender soberania nacional ao enfrentar Jair Bolsonaro”, destaca.

O serviço de notícias alemão *Deutsche Welle* também repercutiu: *O ex-presidente Lula está concorrendo novamente*. “Um novo presidente será eleito no Brasil em outubro. Ex-chefe de Estado,

Lula da Silva quer disputar novamente e anuncia sua candidatura”. O assunto também foi destacado pela emissora Al Jazeera, do Catar: *Lula lança campanha presidencial para ‘transformar’ o Brasil*. Segundo o canal, o ex-presidente pede que as pessoas se unam para derrotar o governo ‘autoritário’ de Jair Bolsonaro.

Os despachos das agências internacionais de notícias reforçaram a repercussão e deram ampla visibilidade ao cenário político brasileiro no final da semana. *Lula corteja centristas no lançamento não oficial da campanha* – apontou reportagem da agência estadunidense Associated Press, que acabou sendo reproduzida pelo *Washington Post*, *New York Times*, *ABC*, *The Star*, *Daily Times* e outros 7,3 mil sites noticiosos ao redor do mundo. “O ex-presidente do Brasil fez o lançamento efetivo de sua campanha presidencial com uma tentativa de atrair centristas para ajudá-lo a derrubar o atual presidente Jair Bolsonaro nas eleições de outubro”, diz o despacho.

A Reuters foi na mesma linha: *Lula lança candidatura presidencial e defende a democracia brasileira*. “O momento mais grave que o país atravessa nos obriga a superar nossas diferenças e construir um caminho alternativo à incom-

petência e ao autoritarismo que nos governam”, disse. “Queremos nos unir a democratas de todas as posições políticas, classes, raças e crenças religiosas... para derrotar a ameaça totalitária, o ódio, a violência e a discriminação que paira sobre nosso país.

No argentino Clarín, o tom adotado foi quase de júbilo: *Lula da Silva lança sua candidatura presidencial no Brasil e pede para ‘jogar o fascismo no esgoto da história’*. Segundo o diário portenho, “aos 76 anos, o ex-presidente lidera as pesquisas para a votação de outubro, critica Jair Bolsonaro e pisca para os empresários”.

Em sua edição de domingo, 8, o jornal portenho *Página 12* tenta explicar por que Lula da Silva pode vencer novamente. “A combinação de dois programas em um contexto econômico favorável [Fome Zero e Bolsa Família] levou Lula a chegar ao governo com cerca de 40 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza e sair, oito anos depois, com cerca de 10 milhões. Em 2014, já no governo de Dilma Rousseff, o Brasil havia saído do mapa mundial da fome da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), no qual atualmente aparece novamente”. Agora, a corrida começou para valer. •

*Le Monde*

## Lula annonce sa candidature à l'élection présidentielle pour « reconstruire le Brésil »

L'ancien président brésilien Luiz Inácio Lula da Silva a annoncé qu'il allait briguer un troisième mandat, lors de l'élection d'octobre, après la gestion « irresponsable et criminelle » de Jair Bolsonaro.

Le Monde avec AFP





# DIAS MELHORES VIRÃO

Mais que um lançamento oficial de candidatura, ato que consagrou a chapa Lula-Alckmin, na aliança política *Vamos juntos pelo Brasil*, significa a perspectiva de um país menos desigual e de vida mais digna para o povo brasileiro

Isaías Dalle

**N**ão foi só um lançamento de candidatura. Havia muita coisa envolvida no ato de sábado, dia 7, que oficializou a chapa Lula-Alckmin à Presidência da República. Lula estava voltando, afinal, agora com seus direitos políticos inquestionados.

As marcas do Golpe de 2016 que derrubou Dilma Rousseff e levou à prisão do ex-presidente, tirando-o de forma fraudulenta das eleições de 2018, ainda se fazem sentir no cotidiano da população, impactada pelo cenário de degradação gerado pelo atual governo. Mas o clima de esperança foi mais

forte entre os presentes no pavilhão do Expo Center Norte, na capital paulista.

“É um dia diferente. Eu me sinto como se estivesse numa final de mundial, com meu time em campo, depois de muito tempo de espera. Agora, a bola começou a rolar. A esperança ressurgiu”, comentou o deputado federal Carlos Veras (PT-PE), diante do palco que aguardava o protagonista do encontro.

Na área lateral, Cristina Américo, 40 anos, interrompeu a variação para também falar de suas expectativas. “Olha, eu nunca vou mudar minha opinião. Sempre votei no Lula”, contou. Ela mora na cidade litorânea de Itanhaém e trabalha para uma empresa de

organização de eventos. Sempre que chamada, faz parte das equipes de limpeza em feiras e exposições.

“No tempo do Lula estava tudo mais barato, né?”, lembra. Evangélica, frequentadora da Assembleia de Deus, Cristina é casada e mãe de seis filhos. “Olha, eu acho que mudar mesmo, só Deus. Espero muito em Deus. Mas a gente tem que votar certo”. Sobre o fato de Bolsonaro dizer que representa os crentes, ela dispara: “Crente ele não é não, ele é fanfarrão. Xinga as mulheres, atrapalha a vida das pessoas”. Cristina garante que o marido, pedreiro, e os filhos em idade de votar também vão de Lula em outubro.

“É o dia de renovar o orgulho

de ser brasileiro e brasileira. Para mim, esse é o significado maior desse lançamento e talvez seja a maior contribuição do Lula nesses últimos anos: o Brasil voltar a sonhar”, opinou a drag queen Ruth Venceremos. Ela milita no MST desde que foi viver com a família em um acampamento sem-terra, em meio a uma infância de escassez e dificuldades. Pedagoga, é uma das organizadoras do coletivo LGBT Sem Terra, do MST, e é pré-candidata à Câmara dos Deputados pelo PT-DF.

Para Jandira Feghali, deputada federal (PCdoB-RJ), o ato de sábado foi diferente de todos que já participou. “Porque é a consolidação da retomada dos direitos políticos do Lula. Agora ele pode dizer, de fato, ‘voltei’. E ele vem pra disputa mostrando ampliação. E o nosso desafio é ampliar, esta pode ser uma eleição de um único turno”, explicou. “Essa eleição vai decidir se nossa Constituição ainda está em vigor”.

No palco, à espera de Lula, dirigentes de sete partidos que compõem a aliança *Vamos Juntos pelo Brasil*, artistas, parlamentares, governadores e representantes de movimentos sociais, advogados, líderes religiosos e acadêmicos foram saudados à medida em que seus nomes eram anunciados. O público reservou os aplausos mais calorosos e demorados até então para a ex-presidenta Dilma.

O discurso do candidato a vice, Geraldo Alckmin, transmitido pelo telão, foi acompanhado em silêncio atento. Mas Alckmin, que não foi ao encontro por ter contraído covid, arrancou aplausos e gritos entusiasmados após frases como: “Não é a primeira, nem a segunda ou terceira, Lula é a única via da esperança”.

Quando Lula iniciou a leitura de seu discurso, Carla Patrícia Cândido e Inês Silva apoiaram-se nas vassouras para acompanhar. As duas trabalham na mes-

ma empresa de organização de eventos e frequentam a mesma igreja batista, no bairro do Jabaquara, na capital. “Estou orando para Deus pela eleição do Lula”, disse Carla. “Já chega de Bolsonaro”, disparou Inês.

Carla, que ainda não tinha idade para trabalhar quando Lula foi presidente, reclama do preço do leite, do gás, e do abandono do sistema de saúde. Hoje, é mãe de quatro filhos pequenos. Inês, que já trabalhava à época, lembra de que havia mais empregos nos tempos do PT. Um de seus três filhos, que tem 21 anos, cos-

## LULA PROMETEU UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA PARA A EMOCIONADA AUDIÊNCIA: “A ESPERANÇA DE UM POVO QUE SABE QUE PODE VOLTAR A SER FELIZ”

tuma trabalhar com ela em feiras e eventos. Sobre a suposta religiosidade de Bolsonaro, Inês não tem dúvidas. “Ele não pratica a bondade. Cristão tem que ajudar, não atrapalhar”. “Nem autorizar armas”, complementou Carla.

Ali no gargarejo, a atriz e cineasta Maria Ribeiro anunciou que estava iniciando a produção de um documentário sobre o processo eleitoral e a caminhada da chapa Lula-Alckmin. Ela deseja que o

novo filme represente um “final feliz”, em contraponto ao angustiado “Outubro”, que dirigiu às vésperas da temida eleição do atual presidente.

“Estou feliz, emocionada. Isso não é só um ato do Lula. É um ato pela retomada do Brasil”, comentou. Mas não deixa de se colocar cautelosa: “Não dá para achar que o jogo está ganho. Acho que a gente aprendeu alguma coisa desde 2018”. Sobre a luta pela conquista de votos, que ela retratou no filme anterior, a atriz e diretora tem fé. “Com o Lula vai ser diferente, as pessoas têm orgulho dele. Isso vai mudar a chave”.

Mas não basta a presença de Lula. “A gente demorou muito para conversar com as pessoas em 2018. Eu tenho falado de política com todos que posso, desde então”, conta. “Isso tem que ser nosso modus operandi de vida, daqui pra frente. Mesmo depois das eleições. Até porque a extrema-direita está organizada”.

Como se respondesse a esses e outros anseios que circulavam pela plateia, Lula encerrou o discurso com a promessa de uma revolução que chamou de pacífica: “A esperança de um povo que sabe que pode voltar a ser feliz”. No fundo do palco, sobre o telão, uma enorme bandeira do Brasil fora estendida.

Aproveitando a autoironia feita antes por Alckmin, o ex-presidente garantiu que Lula com chuchu será “prato de sucesso em Brasília”. Ele disse ainda que pede a Deus para abençoar o Brasil – “o país está precisando da graça” – e se despediu sob chuva de pedaços de papéis platinados e ao som de uma releitura do jingle “Lula Lá”, bastante fiel ao espírito do original, feito em 1989. “Não tem como não se emocionar”, dizia um apressado José Genoíno, ex-ministro e ex-deputado, na saída do encontro. É o começo de uma jornada de luta e de sonhos. •



Carla Carniel/Reuters

# ALCKMIN DIZ QUE LULA É A ÚNICA VIA DE ESPERANÇA PARA O BRASIL

Em discurso no ato de lançamento da chapa, o ex-governador Geraldo Alckmin diz que a hora é de união para superar o atraso e dar dignidade e dias melhores ao povo. "Acima das disputas, algo mais urgente e relevante se impõe: a defesa da própria democracia"

**C**omo tantos brasileiros, fui diagnosticado com Covid. Mas não fui pego desprevenido: graças às vacinas e ao nosso sistema público de saúde, a doença me causou apenas sintomas leves. Por precaução, me resguardei, e sinto muito não

poder estar aí com vocês hoje.

Eu quero começar por dizer que nada, nenhuma divergência do passado, nenhuma diferença no presente, nem as disputas de ontem, nem eventuais discordâncias de hoje ou de amanhã, nada, absolutamente nada, servirá de razão, desculpa ou pretexto para

que eu deixe de apoiar e defender, com toda a minha convicção, a volta de Lula à Presidência do Brasil.

E é com muito orgulho que faço isso com o imprescindível respaldo, a confiança e a participação do meu partido, o bravo e valoroso PSB.

Números diferentes, quando



Nelson Almeida/AFP

somados, não diminuem de valor. Pelo contrário, elevam a sua grandeza. Essa lógica aplica-se também à política.

A democracia é marcada, sim, por disputas. Disputas fazem parte do processo democrático. Mas, acima das disputas, algo mais urgente e relevante se impõe: a defesa da própria democracia.

E quando essa defesa reclama a formação de alianças, e as alianças são construídas graças à persuasão, e não à cooptação por verbas ou ao aliciamento por cargos, essa conjunção de forças políticas torna-se uma formidável conquista.

Quando o presidente Lula me estendeu a mão, eu vi nesse gesto muito mais do que um sinal de reconciliação entre dois adversários históricos. Vi um verdadeiro chamado à razão. E é à razão de todos vocês que me dirijo neste momento. Pensemos nas disputas do passado e pensemos na união de hoje. O que é que mais importa? O que mais importa, eu lhes respondo, é aquilo que o Brasil precisa.

O Brasil sobrevive hoje ao mais

desastroso e cruel governo da sua história. Perdulário nas despesas públicas, hipócrita no combate à corrupção, patrocinador de conflitos temerários e querelas inúteis, despreparado na condução da economia, ineficiente administrativamente e socialmente injusto e irresponsável.

O que mais é necessário constatar para se concluir que o Brasil precisa de mudança?

Presidente Lula, há momentos em que, antes de uma aliança determinar a sua missão, é a própria missão que determina a sua aliança.

É o que vemos acontecer aqui, hoje, entre PT, PSB, Solidariedade, Rede, PV, Pcdob e PSOL, além de valorosas lideranças políticas, das mais diversas convicções ideológicas, que aqui comparecem, patrióticas e corajosamente, independente da presença institucional de seus próprios partidos, para dar ainda mais força e representatividade à nossa união no cumprimento da nossa missão.

E essa missão, ela não é simples

nem modesta. O que – eu tenho certeza – constitui um desafio que nos serve muito mais de estímulo, que de intimidação.

Prometemos hoje ao Brasil um governo realmente democrático, e nós haveremos de dar e garantir isso ao povo brasileiro.

Prometemos ao Brasil usar o seu potencial de grandeza para construir a prosperidade que todos os brasileiros merecem, com mais educação, pesquisa, instrução e profissionalização, e nós lutaremos para que isso aconteça.

Prometemos ao Brasil um governo que não mais ignore o sofrimento do seu povo diante de qualquer ameaça, seja às suas vidas, à sua saúde ou ao seu bem-estar, e nós vamos cumprir isso.

Prometemos jamais pôr em risco a segurança da biodiversidade, resguardar e valorizar a riqueza e variedade do nosso meio ambiente, e nós haveremos de respeitar isso.

Prometemos estimular o empreendedorismo, os investimen-

tos, a produção e uma relação reciprocamente mais justa e vantajosa entre trabalhadores e empregados, e nós haveremos de mostrar que isso é possível ser feito.

O desafio é grande. Mas não desanimemos diante disso, vamos nos animar para isso.

E até o final dessa missão, nós, presidente Lula, nós vamos estar juntos, apoiando e defendendo o seu governo, até que o seu trabalho tenha sido completamente realizado. Porque é disso que o Brasil precisa. E é essa a missão que determina a nossa aliança.

E deixem-me, neste ponto, fazer um agradecimento: obrigado, presidente Lula, por me dar o privilégio da sua confiança.

Mesmo que muitos discordem da sua opinião de que Lula é um prato que cai bem com chuchu (o que acredito venha ainda a se tornar um hit da culinária brasileira), quero lhe dizer, perante toda a sociedade brasileira: muito obrigado.

Serei um parceiro leal, seriamente comprometido com o seu propósito de fazer do Brasil um país socialmente mais justo, economicamente mais forte, ambientalmente mais responsável e internacionalmente mais respeitado.

E para isso acontecer, temos uma grande luta pela frente. Uma luta pela mudança. E, aqui, faço um chamado público às demais forças políticas do país que trabalham por essa mesma mudança: venham se juntar a nós!

As próximas eleições guardam uma perigosa peculiaridade: será um grande teste para a nossa democracia.

E que ninguém duvide disso: sem Lula, não haverá alternância de poder no país. E sem alternância de poder, não haverá garantias para a nossa democracia.

Lula é, hoje, a esperança que

resta ao Brasil. Não é a primeira, a segunda nem a terceira. Ele é a única via da esperança para o Brasil. E como se não bastasse o risco para a democracia, o futuro do Brasil também está em jogo.

Por isso, quando a ignorância se une à mentira como estratégia política para demonizar eleições livres e aviltar a democracia, não devemos vacilar: o caminho é com Lula.

Quando brasileiros são relegados à própria sorte em meio às mazelas de uma pandemia le-

## ALCKMIN: “QUANDO A IGNORÂNCIA SE UNE À MENTIRA PARA DEMONIZAR ELEIÇÕES LIVRES, NÃO DEVEMOS VACILAR: O CAMINHO É COM LULA”

tal, não devemos aceitar: vamos responder com Lula.

Quando as injustiças sociais grassam por omissão do governo, e a pobreza e a miséria assumem dimensões vergonhosas e intoleráveis, não podemos hesitar: a solução virá com Lula.

Quando as instituições nacionais sofrem agressões e ameaças contra o desempenho de suas funções soberanamente asseguradas pela Constituição, não nos cabe duvidar: a razão deve falar mais alto e devemos

todos estar do mesmo lado.

E esse lado é o lado dos brasileiros que sofrem; dos que perderam seu trabalho, sua renda; dos que viram suas economias desaparecerem ou diminuir; dos que se veem hoje privados de perspectiva e de esperança; do lado dos brasileiros que estão inconformados com a incompetência dos que hoje conduzem o país, com a divisão social, com o reiterado desperdício de chances e oportunidades que poderiam permitir ao Brasil alcançar a sua posição de grandeza no mundo.

Meus amigos e amigas,

Política se destina a cuidar de gente. É de gente que trata a política. Gente em primeiro lugar.

E a nossa união política será mais completa quanto mais participativa ela se fizer.

Por isso, devemos estimular e favorecer a necessária e valiosa participação das minorias na política. Pois a pluralidade é o coração da democracia.

Vamos mudar também os termos do debate político. Vamos provar que não há incompatibilidade entre a prosperidade individual e uma sociedade solidária. Vamos provar que a eficiência econômica e a justiça social não são coisas opostas, não permitir que essa falsa dicotomia restrinja a política a um eterno confronto entre liberdade e igualdade.

A política pode e deve servir de instrumento para a promoção da igualdade sem prejuízo da liberdade. Não há democracia sem liberdade, assim como não há liberdade sem justiça, nem justiça sem igualdade.

Amigos, a escolha a ser feita em outubro está nas mãos do povo brasileiro, mas cabe a nós assegurar que essa escolha seja a melhor para o país.

Vamos nos colocar a serviço desse propósito! Que nossos corações sejam um só! Vamos juntos pelo Brasil! •



# “EM DEFESA DA SOBERANIA NACIONAL E DA DEMOCRACIA”

No lançamento de sua candidatura à Presidência, o líder político fala em união e alerta: o Brasil precisa voltar a ser normal. “Nunca foi tão fácil escolher. Nunca foi tão necessário fazer a escolha certa”

**Q**uero começar falando da mais importante lição que aprendi em 50 anos de vida pública, oito dos quais presidindo este país: Governar deve ser um ato de amor. A principal virtude que um bom governante precisa ter é a capacidade de viver em sintonia com as aspirações e os sentimentos das pessoas, especialmente das que mais precisam.

É se alegrar com cada conquista, com cada melhora na qualidade de vida do povo que ele governa. É compartilhar a felicidade da família que, graças ao Minha Casa, Minha Vida, toma pela primeira vez nas mãos a chave da tão sonhada casa própria, depois de uma vida inteira morando de aluguel em condições precárias.

É se emocionar com aquela mãe que viveu anos e anos à luz de lâmparina, e com a chegada do Luz para Todos pode finalmente contemplar a serenidade do seu filho dormindo à noite. É se alegrar com a avó que quando jovem era obrigada a partir um único lápis em 2 pedaços para dar aos filhos. E que depois, com o Bolsa Família, pode comprar material escolar completo para a neta, até mesmo um estojo com lápis de todas as cores. É comemorar junto com os filhos dos trabalhadores que se tornaram doutores, graças ao ProUni, ao FIES e à política de cotas na universidade pública.

Mas não basta ao bom governante sentir como se fossem suas as conquistas do povo sofrido. Para governar bem, ele precisa ter também

a sensibilidade de sofrer com cada injustiça, cada tragédia individual e coletiva, cada morte que poderia ser evitada. Infelizmente, nem todo governante é capaz de entender, sentir e respeitar a dor alheia.

Não é digno desse título o governante incapaz de verter uma única lágrima diante de seres humanos revirando caminhões de lixo em busca de comida, ou dos mais de 660 mil brasileiros e brasileiras mortos pela Covid. Pode até se dizer cristão, mas não tem amor ao próximo.

Em 2003, quando tomei posse como presidente da República, eu disse que se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tivessem pelo menos a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, eu teria cumprido a missão da minha vida.

Travamos contra a fome a maior de todas as batalhas, e vencemos. Mas hoje sei que preciso cumprir novamente a mesma missão. Tudo o que fizemos e o povo brasileiro conquistou está sendo destruído pelo atual governo. O Brasil voltou ao Mapa da Fome da ONU, de onde havíamos saído em 2014, pela primeira vez na história.

É terrível, mas não vamos desistir, nem eu nem o nosso povo. Quem tem uma causa jamais pode desistir da luta. A causa pela qual lutamos é o que nos mantém vivos, é o que renova nossas forças e nos rejuvenesce. Sem uma causa, a vida perde o sentido. Eu e todos nós que estamos juntos nessa hora, temos uma causa: restaurar a soberania do Brasil e do povo brasileiro.

O artigo 1º da nossa Constituição enumera os fundamentos do Estado Democrático de Direito. E o primeiro fundamento é justamente a soberania. No entanto, a nossa soberania e a nossa democracia vêm sendo constantemente atacadas pela política irresponsável e criminoso do atual governo. Ameaçam, desmontam, sucateiam, colocam à venda nossas empresas mais estratégicas, nosso petróleo, nossos bancos públicos, nosso meio ambiente.

Entregam de mão beijada todo esse extraordinário patrimônio que não pertence a eles, e sim ao povo brasileiro. Destroem políticas públicas que mudaram a vida de milhões de brasileiros, e que eram admiradas e adotadas pelo mundo afora.

É mais do que urgente restaurar a soberania do Brasil. Mas defender a soberania não se resume à importantíssima missão de resguardar nossas fronteiras terrestres e marítimas e nosso espaço aéreo. É também defender nossas riquezas minerais, nossas florestas, nossos rios, nossos mares, nossa biodiversidade. E é, antes de tudo, garantir a soberania do povo brasileiro e os direitos de uma democracia plena.

É defender o direito à alimentação de qualidade, o bom emprego,

o salário justo, os direitos trabalhistas, o acesso à saúde e à educação. Defender nossa soberania é também recuperar a política ativa e ativa que elevou o Brasil à condição de protagonista no cenário internacional.

O Brasil era um país soberano, respeitado no mundo inteiro, que falava de igual para igual com os países mais ricos e poderosos. E que ao mesmo tempo contribuía para o desenvolvimento dos países pobres, por meio de cooperação, investimento e transferência de tecnologia. Foi o que nós fizemos na América Latina e também na África.

## DEFENDER NOSSA SOBERANIA É DEFENDER A PETROBRÁS, QUE VEM SENDO DESMANTELADA. É DEFENDER TAMBÉM A ELETROBRÁS

Defender a nossa soberania é defender a integração da América do Sul, da América Latina e do Caribe. É fortalecer novamente o Mercosul, a UnaSul, a Celac e os BRICS. É estabelecer livremente as parcerias que forem melhores para o país, sem submissão a quem quer que seja. É lutar por uma nova governança global.

O Brasil é grande demais para ser relegado a esse triste papel de pária do mundo, por conta da submissão, do negacionismo, da truculência e

das agressões a nossos mais importantes parceiros comerciais, causando enormes prejuízos econômicos ao país.

Defender nossa soberania é defender a Petrobrás, que vem sendo desmantelada dia após dia. Colocaram à venda as reservas do Pré-Sal, entregaram a BR Distribuidora e os gasodutos, interromperam a construção de algumas refinarias e privatizaram outras. O resultado desse desmonte é que somos autossuficientes em petróleo, mas pagamos por uma das gasolinas mais caras do mundo, cotada em dólar, enquanto os brasileiros recebem os seus salários em real.

O óleo diesel também não para de subir, sacrificando os caminhoneiros e fazendo disparar os preços dos alimentos. O botijão de gás chega a custar 150 reais, comprometendo o orçamento doméstico da maioria das famílias brasileiras.

Nós precisamos fazer com que a Petrobrás volte a ser uma grande empresa nacional, uma das maiores do mundo. Colocá-la de novo a serviço do povo brasileiro e não dos grandes acionistas estrangeiros. Fazer outra vez do Pré-Sal o nosso passaporte para o futuro, financiando a saúde, a educação e a ciência.

Defender a nossa soberania é defender também a Eletrobrás daqueles que querem o Brasil eternamente submisso. A Eletrobrás é a maior empresa de geração de energia da América Latina, responsável por quase 40% da energia consumida no Brasil. Foi construída ao longo de décadas, com o suor e a inteligência de gerações de brasileiros. Mas o atual governo faz de tudo para entregá-la a toque de caixa e a preço de banana.

O resultado de mais esse crime de lesa-pátria seria a perda da nossa soberania energética. Perder a Eletrobrás é perder Chesf, Furnas, Eletronorte e Eletrosul, entre outras empresas essenciais para o desenvolvimento do país. É perder também parte da soberania sobre

alguns dos nossos principais rios, como o rio Paraná e o São Francisco.

É dizer adeus a programas como o Luz para Todos, responsável por trazer para o século 21 cerca de 16 milhões de brasileiros que antes viviam na escuridão. É aumentar ainda mais a conta de luz, que hoje já pesa não apenas no bolso do trabalhador, mas também no orçamento da classe média.

Defender nossa soberania é defender os bancos públicos. O Banco do Brasil, a Caixa Econômica, o BNDES, o BNB e o Basa foram criados para fomentar o desenvolvimento do país. Para garantir o crédito barato a quem quer produzir e gerar empregos. Para financiar as obras de saneamento e a construção de apartamentos e casas para a população de baixa renda e a classe média. Para apoiar a agricultura familiar e os pequenos e médios produtores rurais. Porque nenhum país será soberano se não cuidar de quem produz 70% dos alimentos que chegam à nossa mesa.

Defender a nossa soberania é defender as universidades e as instituições de apoio à ciência e à tecnologia dos ataques do atual governo. Porque um país que não produz conhecimento, que persegue seus professores e pesquisadores, que corta bolsas de pesquisa e reduz os investimentos em ciência e tecnologia está condenado ao atraso.

Nos nossos governos, nós mais que triplicamos os recursos direcionados para o CNPq, a Capes e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Eles saltaram de R\$ 4 bilhões e 500 milhões em 2002, para R\$ 13 bilhões e 970 milhões em 2015. Já com o atual governo, esses investimentos recuaram para R\$ 4 bilhões e 400 milhões, valor menor que aquele de 20 anos atrás.

Defender a soberania do Brasil é investir na infraestrutura capaz de transformar o país e a vida de seu povo, aumentar a produtividade da economia e criar as bases para o

progresso e o futuro.

Mas o atual governo não cuida da infraestrutura que este país precisa. Paralisaram obras importantes que estavam em andamento. Tentam se apropriar de outras que receberam praticamente concluídas.

É o caso da Transposição do São Francisco, uma obra sonhada desde os tempos do império, que nós tornamos realidade para que 12 milhões de brasileiros tivessem finalmente água jorrando de suas torneiras. Nossos governos não só

## DEFENDER A NOSSA SOBERANIA É DEFENDER TAMBÉM OS BANCOS PÚBLICOS, AS UNIVERSIDADES E AS INSTITUIÇÕES DE APOIO À CIÊNCIA E À TECNOLOGIA

planejaram e conceberam a transposição, como fizeram 88% das obras. Mas eles tentam enganar o povo dizendo que foram eles que construíram tudo.

Defender a nossa soberania é defender a Amazônia da política de devastação posta em prática pelo atual governo. Nos nossos governos, reduzimos em 80% o desmatamento da Amazônia, contribuindo para diminuir a emissão dos gases de efeito estufa que provocam o aquecimento global. Mas os cuidados com o meio ambiente vão além da defesa da Amazônia e dos outros biomas.

É preciso voltar a investir em saneamento básico, como fizemos nos nossos governos. Acabar com o esgoto a céu aberto e cuidar da destinação do lixo e das pessoas que vivem da coleta de materiais recicláveis. Cuidar do meio ambiente é, antes de tudo, cuidar das pessoas. É buscar a convivência pacífica entre o desenvolvimento econômico e o respeito à flora, à fauna e aos seres humanos.

A transição para um novo modelo de desenvolvimento sustentável é um desafio planetário. Também nesse sentido, temos muito a aprender com os povos indígenas, guardiões ancestrais do meio ambiente. Defender a nossa soberania é garantir a posse de suas terras aos povos indígenas, que estavam aqui milhares de anos antes da chegada dos portugueses, e que foram capazes de cuidar delas melhor do que ninguém. E que agora estão vendo seus territórios invadidos ilegalmente por garimpeiros, grileiros e madeireiros. O resultado desse crime continuado, que acontece com a conivência do atual governo, vai além da destruição de florestas e rios. Compromete também a sobrevivência física dos povos indígenas, e não poupa sequer as crianças, como nós vimos recentemente numa aldeia Yanomami.

É dever do Estado garantir a segurança e o bem-estar de todos os seus cidadãos e cidadãs, que merecem - e devem - ser tratados com respeito. Nunca um governo como este que aí está estimulou tanto o preconceito, a discriminação e a violência.

Nenhum país será soberano enquanto mulheres continuarem a ser assassinadas pelo fato de serem mulheres. Enquanto pessoas continuarem a ser espancadas e mortas por conta de sua orientação sexual. Enquanto não forem combatidos com rigor o extermínio da juventude negra e o racismo estrutural que fere, mata e nega direitos e oportunidades.

Somos o 3º maior produtor mun-

dial de alimentos. Somos o maior produtor de proteína animal do mundo. Produzimos comida em quantidade mais do que suficiente para garantir alimentação de qualidade para todos. No entanto, a fome voltou ao nosso país.

Não haverá soberania enquanto 116 milhões de brasileiros sofrerem algum tipo de insegurança alimentar. Enquanto 19 milhões de homens, mulheres e crianças forem dormir todas as noites com fome, sem saber se terão um pedaço de pão para comer no dia seguinte.

Não haverá soberania enquanto dezenas de milhões de trabalhadores continuarem submetidos ao desemprego, à precarização e ao desalento. Nós fomos capazes de gerar mais de 20 milhões de empregos com carteira assinada e todos os direitos garantidos. Enquanto eles destruíram direitos trabalhistas e geraram mais desemprego e mais sofrimento na vida do povo trabalhador.

É preciso avançar numa legislação que garanta todos os direitos dos trabalhadores. Que estimule a negociação em bases civilizadas e justas entre patrões, empregador e empregados, governo e, porque não dizer, até envolvendo as universidades. Que contribua para criar melhores empregos, e faça girar a roda da economia.

Não é possível que o reajuste da maioria das categorias profissionais fique abaixo da inflação, ao contrário do que acontecia em nossos governos. Não é possível que o salário mínimo continue perdendo poder de compra ano após ano. Nos nossos governos, ele subiu 74% acima da inflação, aumentando o consumo e aquecendo a economia.

Se os trabalhadores não têm dinheiro para comprar, os empresários não terão para quem vender. Isso leva ao que assistimos hoje: o fechamento de fábricas em São Paulo, na Bahia, na Zona Franca de Manaus e outras regiões, inclusive muitas multinacionais deixando o Brasil.

Precisamos também criar um am-

biente fértil ao empreendedorismo, para que possam florescer o talento e a criatividade do povo brasileiro. Este país precisa voltar a criar oportunidades, para que as pessoas possam viver bem, melhorar de vida e tornar seus sonhos realidade.

Hoje, vivemos uma situação desoladora. Um país cujo maior desejo de sua juventude é ir embora para o exterior em busca de oportunidades, esse país nunca será soberano. Precisamos voltar a investir em educação de qualidade, da creche ao

## NÃO HAVERÁ SOBERANIA ENQUANTO 19 MILHÕES DE BRASILEIROS FOREM DORMIR TODAS AS NOITES COM FOME E SEM UM PEDAÇO DE PÃO

pós-doutorado. Não haverá soberania enquanto a educação continuar a ser tratada como gasto desnecessário, e não como investimento essencial para fazer do Brasil um país desenvolvido e independente.

Nos nossos governos, triplicamos os investimentos em educação, que saltaram de R\$ 49 bilhões de reais em 2002 para R\$ 151 bilhões em 2015.

Mas o atual governo vem reduzindo os investimentos a cada ano. O resultado é que o orçamento do MEC para 2022 é o menor dos últimos 10 anos. Assim como

a educação, também a saúde tem sido tratada com descaso pelo atual governo. Hoje, faltam investimentos, profissionais de saúde e medicamentos. Sobram doenças e mortes que poderiam ser evitadas. Não fossem o SUS e os corajosos trabalhadores e trabalhadoras da saúde, a irresponsabilidade do atual governo nessa pandemia teria custado ainda mais vidas.

Um dos maiores orgulhos dos nossos governos foi cuidar com muito carinho da saúde do povo brasileiro. Criamos o Samu, o Farmácia Popular, as UPAs 24 horas. Fizemos o Mais Médicos, e levamos profissionais da saúde às periferias das grandes cidades e às regiões mais remotas do Brasil.

Nós praticamente dobramos o orçamento da saúde, que passou de R\$ 64 bilhões e 800 milhões em 2003 para R\$ 120 bilhões e 400 milhões em 2015. Nenhum país será soberano se o seu povo não tiver acesso a saúde, educação, emprego, segurança e alimentação de qualidade. Mas a cultura também precisa ser tratada como um bem de primeira necessidade.

Não haverá soberania enquanto o atual governo continuar tratando a cultura e os artistas como inimigos a serem abatidos, e não como geradora de riqueza para o país e um dos maiores patrimônios do povo brasileiro. Nós precisamos de música, cinema, teatro, dança e artes plásticas. Precisamos de livros em vez de armas. A arte preenche nossa existência. Ela é ao mesmo tempo capaz de retratar e reinventar a realidade. A vida como ela é, e como ela poderia ser.

Sem a arte, a vida fica mais dura, perde um dos seus maiores encantos. Por isso, nós vamos apostar muito na cultura e transformar a cultura numa indústria de fazer dinheiro e gerar emprego nesse país, para o povo viver dignamente.

Durante nossos governos, promovemos uma revolução democrática e pacífica neste país. O Brasil cresceu,

e cresceu para todos. Combinamos crescimento econômico com inclusão social. O Brasil se tornou a sexta maior economia do planeta, e, ao mesmo tempo, referência mundial no combate à extrema pobreza e à fome. Deixamos de ser o eterno país do futuro, para construirmos nosso futuro no dia a dia, em tempo real.

Mas o atual governo fez o Brasil despencar para a 12ª posição do ranking das maiores economias. E a qualidade de vida também caiu de forma assustadora, e não apenas para os mais necessitados.

Os trabalhadores e a classe média também foram atingidos em cheio pelo aumento descontrolado da gasolina, dos alimentos, dos planos de saúde e das mensalidades escolares, entre tantos outros custos que não param de subir. Viver ficou muito mais caro.

Neste primeiro trimestre de 2022, a renda familiar dos brasileiros desabou para o menor nível dos últimos 10 anos. O resultado é que 77,7% das famílias estão endividadas. E o mais triste é que grande parte dessas famílias estão se endividando não para pagar a viagem de férias com os filhos, ou a reforma da casa própria, ou a compra de uma televisão ou de uma geladeira. Elas estão se endividando para comer. Ou seja: o Brasil voltou a um passado sombrio que havíamos superado.

É para conduzir o Brasil de volta para o futuro, nos trilhos da soberania, do desenvolvimento, da justiça e da inclusão social, da democracia e do respeito ao meio ambiente, que precisamos voltar a governar este país. O grave momento que o país atravessa, um dos mais graves da nossa história, nos obriga a superar eventuais divergências para construirmos juntos uma via alternativa à incompetência e ao autoritarismo que nos governam.

Nunca me esqueço das palavras do saudoso Paulo Freire, o maior educador brasileiro de todos os tempos, uma das principais referências

da pedagogia mundial, cujo centenário de nascimento comemoramos justamente em 2022. Dizia o nosso querido Paulo Freire: "É preciso unir os divergentes, para melhor enfrentar os antagonicos".

Vocês perceberam que parece que o Alckmin tinha lido a mesma frase do Paulo Freire quando ele fez o discurso dele, e nem eu sabia do discurso do Alckmin, nem ele sabia do meu. Vocês percebem que nós estamos pensando muito parecido e vocês vão perceber que o prato chu

## A RENDA FAMILIAR DOS BRASILEIROS DESABOU PARA O MENOR NÍVEL DOS ÚLTIMOS 10 ANOS. O RESULTADO É QUE 77,7% DAS FAMÍLIAS ESTÃO ENDIVIDADAS

chu e lula vai ser um prato extraordinário, que vocês vão poder começar a comer hoje, aqui em São Paulo. E voltando aos estados de vocês, comam bastante, que o Brasil vai precisar de muita saúde. Tem muita, muita energia esse prato, vocês podem ter certeza disso.

Sim, queremos unir os democratas de todas as origens e matizes, das mais variadas trajetórias políticas, de todas as classes sociais e de todos os credos religiosos. Para enfrentar e vencer a ameaça totalitária, o ódio, a violência, a discriminação, a exclusão que pesam sobre o nosso país. Que-

remos construir um movimento cada vez mais amplo de todos os partidos, organizações e pessoas de boa vontade que desejam a volta da paz e da concórdia ao nosso país. Este é o sentido da união de forças progressistas e democráticas formada pelo PT, PC do B, PV, PSB, PSOL, Rede e Solidariedade. Todos dispostos a trabalhar não apenas pela vitória em 2 de outubro, mas pela reconstrução e transformação do Brasil.

Tenho o orgulho e muito orgulho de contar com o companheiro Geraldo Alckmin nessa nova jornada. Alckmin foi governador enquanto eu era presidente. Somos de partidos diferentes, fomos adversários, mas também trabalhamos juntos e mantivemos o diálogo institucional e o respeito pela democracia. Tive em Alckmin um adversário leal. E estou feliz por tê-lo na condição de aliado, um companheiro cuja lealdade sei que jamais faltará - nem a mim, e muito menos a vocês e ao Brasil.

Quando governamos o país, o diálogo foi a nossa marca registrada. Criamos importantes mesas de negociação e conselhos de participação da sociedade civil junto a todos os ministérios. Além disso, realizamos 74 conferências, em âmbito municipal, estadual e nacional, com participação de milhões de pessoas, para discutir os mais diferentes temas: saúde, educação, juventude, igualdade racial, direitos da mulher, comunicação e segurança pública, entre tantos outros. Dessa extraordinária participação popular nasceram várias políticas públicas que mudaram o Brasil.

E agora precisamos de novo mudar o Brasil. Vamos precisar convocar tudo outra vez. Chamar todas as pessoas. Algumas pessoas já não existem mais, mas nós renascemos nos nossos filhos, renascemos nos nossos netos, renascemos nos nossos bisnetos e nós vamos encontrar mais ávida, com mais vontade de lutar, do que aqueles que lutaram no nosso governo.

Para isso, em vez de promessas, apresento o imenso legado de nossos governos. Fizemos muito, mas tenho consciência que ainda é preciso, e é possível, fazer muito mais. Precisamos colocar novamente o Brasil entre as maiores economias do mundo. Reverter o acelerado processo de desindustrialização do país. Criar um ambiente de estabilidade política, econômica e institucional que incentive os empresários a investirem outra vez no Brasil, com garantia de retorno seguro e justo, para eles e para o país.

Fui vítima de uma das maiores perseguições políticas e jurídicas da história deste país, fato reconhecido pela Suprema Corte Brasileira e pela Organização das Nações Unidas. Mas não esperem de mim ressentimentos, mágoas ou desejos de vingança. Primeiro, porque não nasci para ter ódio, nem mesmo daqueles que me odeiam. Mas também porque a tarefa de restaurar a democracia e reconstruir o Brasil exigirá de cada um de nós um compromisso de tempo integral.

Não temos tempo a perder odiando quem quer que seja. Não faremos jamais como o nosso adversário, que tenta mascarar a sua incompetência brigando o tempo todo com todo mundo, e mentindo 7 vezes por dia. A verdade liberta, e o Brasil precisa de paz para progredir.

Em setembro próximo, o Brasil completa 200 anos de Independência. Mas poucas vezes na história a nossa independência esteve tão ameaçada. Felizmente, vamos comemorar o 7 de setembro a menos de um mês das eleições de 2 de outubro, quando o Brasil terá a oportunidade de reconquistar a sua soberania. Quando o Brasil terá a oportunidade de decidir que país vai ser pelos próximos anos, e pelas próximas gerações.

O Brasil da democracia ou do autoritarismo? Da verdade ou das 7 mentiras contadas por dia? Do conhecimento e da tolerância ou do

obscurantismo e da violência? Da educação e da cultura ou dos revólveres e dos fuzis? Um país que fortaleça e incentive a sua indústria ou assista parado à sua destruição? O exportador de bens de valor agregado ou o eterno exportador de matéria-prima? O país do Estado de Bem Estar Social ou do Estado Mínimo, que nega o mínimo à maioria da população?

O país que defende o seu meio ambiente, ou o que abre a porteira e deixa passar a boiada? O Brasil

## QUEREMOS VOLTAR PARA QUE NINGUÉM NUNCA MAIS OUSE DESAFIAR A DEMOCRACIA. E QUE O FASCISMO SEJA DEVOLVIDO AO ESGOTO DA HISTÓRIA

que garante saúde, educação e segurança para todos os brasileiros e brasileiras, ou somente para os mais ricos que podem pagar por elas?

Nunca foi tão fácil escolher. Nunca foi tão necessário fazer a escolha certa. Mas é preciso dizer com toda clareza: para sair da crise, crescer e se desenvolver, o Brasil precisa voltar a ser um país normal, no mais alto sentido da palavra.

Não somos a terra do faroeste, onde cada um impõe a sua própria lei. Não! Temos a lei maior - a Constituição - que rege a nossa existência coletiva, e ninguém, absoluta-

mente ninguém, está acima dela, ninguém tem o direito de ignorá-la ou de afrontá-la.

A normalidade democrática está consagrada na Constituição. É ela que estabelece os direitos e obrigações de cada poder, de cada instituição, de cada um de nós. É imperioso que cada um volte a tratar dos assuntos de sua competência. Sem exorbitar, sem extrapolar, sem interferir nas atribuições alheias.

Chega de ameaças, chega de suspeições absurdas, chega de chantagens verbais, chega de tensões artificiais. O país precisa de calma e tranquilidade para trabalhar e vencer as dificuldades atuais. E decidirá livremente, no momento que a lei determina, quem deve governá-lo. Nós queremos governar para trazer de volta o modelo de crescimento econômico com inclusão social que fez o Brasil progredir de modo acelerado e tirou 36 milhões de brasileiros da extrema pobreza. Queremos voltar para que ninguém nunca mais ouse desafiar a democracia. E para que o fascismo seja devolvido ao esgoto da história, de onde jamais deveria ter saído.

Nós temos um sonho. Somos movidos a esperança. E não há força maior que a esperança de um povo que sabe que pode voltar a ser feliz. A esperança de um povo que sabe que pode voltar a comer bem, ter um bom emprego, salário digno e direitos trabalhistas. Que pode melhorar de vida e ver os filhos crescendo com saúde até chegar à universidade.

É preciso mais do que governar - é preciso cuidar. E nós vamos outra vez cuidar com muito carinho do Brasil e do povo brasileiro. Mais do que um ato político, essa é uma conclamação. Aos homens e mulheres de todas as gerações, todas as classes, todas as religiões, todas as raças, todas as regiões do país. Para reconquistar a democracia e recuperar a soberania. Que Deus abençoe o nosso país". •



Divulgação

# A MULHERADA RECHAÇA O ABOMINÁVEL

Apesar da pequena recuperação em sua popularidade, o presidente da República tem enormes dificuldades. Lula é o favorito enquanto o outro corre tendo alto índice de rejeição. Nada menos que 50% do eleitorado feminino consideram Bolsonaro ruim ou péssimo

**Matheus Tancredo Toledo**

**A**s pesquisas eleitorais mais recentes apontam que a recuperação do presidente Jair Bolsonaro ante seus antigos eleitores ainda não foi suficiente para reverter o quadro de reprovação alta en-

tre as mulheres brasileiras ao governo do líder da extrema direita nacional. Este é um dos pontos abordados neste artigo pelo Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), ligado à Fundação Perseu Abramo.

Ainda que os índices de aprovação do governo tenham melhorado também entre as mulheres

– houve queda de 9 pontos percentuais na avaliação negativa do presidente, desde novembro de 2021, 50% das mulheres consideram Bolsonaro ruim ou péssimo. São 7 pontos percentuais a mais que a reprovação entre os homens, segundo a Quaest.

Do ponto de vista eleitoral, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da

Silva (PT) tem larga vantagem contra Bolsonaro entre as mulheres. As pesquisas mostram que não houve variação significativa do patamar que o petista tem no primeiro turno entre o eleitorado feminino, cuja preferência gira entre 47% e 48%.

Já o atual ocupante do Palácio do Planalto passou de um patamar entre 19% e 20% ao final de 2021 para algo em torno de 24% e 26% das intenções de voto. Isso coincidiu tanto com a melhora em sua avaliação de governo quanto com a saída de Sergio Moro da disputa eleitoral.

O levantamento do PoderData aponta que 50% da população considera o governo ruim ou péssimo, enquanto 28% consideram ótimo/bom. As variações em relação ao mês anterior se encontram dentro da margem de erro – indicando que houve uma tendência de estabilidade de março para abril. Nos dados referentes à corrida eleitoral, Lula (PT) teria 41% das intenções de voto no segundo turno, enquanto Bolsonaro (PL), 36%.

A distância de 5 pontos percentuais do presidente para o petista só se confirma se considerarmos os limites de margem de erro nas pesquisas BTG/FSB, que está em torno de 2 pontos, e Ideia Big Data – 3 pontos. Ambas apontam a diferença de Lula e Bolsonaro atualmente é de 9 pontos. A pesquisa XP/Ipespe – 3,2 pontos percentuais de margem de erro –, por outro lado, traz uma distância de 14 pontos entre os candidatos.

Segundo o PoderData, ainda no primeiro turno, Ciro Gomes (PDT) teria 6%, seguido por João Doria (4%), André Janones (3%), Luciano Bivar (1%) e Simone Tebet (1%). Outros candidatos não chegaram a 1% na pesquisa. Brancos, nulos e indecisos somam 7%.

Pelo levantamento, no segun-

do turno, Lula teria 48% contra 39% do atual presidente. O PoderData aponta que hoje Bolsonaro tem 61% dos votos daqueles que optaram por ele no segundo turno das eleições de 2018.

Todas as pesquisas reforçam uma consolidação da polarização entre os dois principais candidatos. Segundo a FSB, 82% dos eleitores de Lula e o mesmo volume dos eleitores de Bolsonaro têm certeza no voto.

A maior parte dos eleitores de Simone Tebet (91%), Vera Lucia (87%), João Doria (74%) e Ciro Gomes (59%) afirma que pode mudar sua escolha. Apenas o deputado André Janones tem uma parcela majoritária entre seus eleitores certa que votará no pré-candidato do Avante.

O levantamento do Ipespe traz que 58% dos eleitores acreditam que Lula será o vencedor das eleições, enquanto 31% apontam Bolsonaro como o vencedor em outubro. Segundo a pesquisa Ideia Big Data, 56% dos brasileiros acreditam que Bolsonaro não merece ser reeleito.

O PoderData mensurou ainda a opinião dos brasileiros acerca de temas relacionados ao aumento de combustíveis e ao porte de armas. Segundo o levantamento, 67% da população concorda que o governo deveria intervir na Petrobrás para reduzir o preço da gasolina.

E a metade (50%) dos brasileiros é contrária à privatização da Petrobrás. A agenda armamentista de Bolsonaro também não encontra eco na opinião pública: 62% da população é contra o Palácio do Planalto facilitar a compra de armas de fogo e 55% da população não quer ter armas de fogo em casa. •

\* Cientista político com mestrado na PUC de São Paulo, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (NOPPE), da Fundação Perseu Abramo.

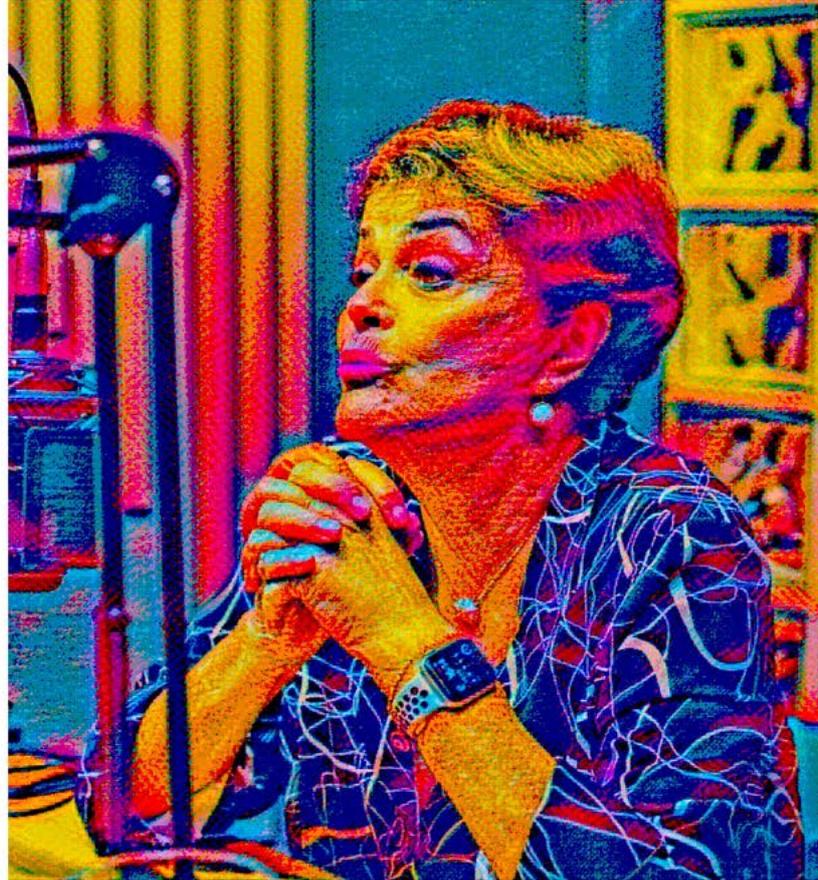
## NO IPESPE, LULA LIDERA A CORRIDA: 44% DOS VOTOS

Pesquisa Ipespe contratada pela XP Investimentos e divulgada na sexta-feira, 6, aponta o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à frente da disputa presidencial. Ele tem 44% das intenções de voto na pesquisa estimulada. O presidente Jair Bolsonaro (PL), que busca a reeleição, aparece em segundo lugar, com 31%.

Em terceiro lugar está o ex-ministro Ciro Gomes (PDT), com 8% das intenções de voto. Já o ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB) tem 3%. O deputado federal André Janones (Avante) teria 2%. Como a margem de erro do levantamento é de 3,2 pontos percentuais para mais ou para menos, esses três pré-candidatos estão tecnicamente empatados.

A senadora Simone Tebet (MDB) e o cientista político Luiz Felipe d'Avila (Novo) têm 1% cada um e empatam tecnicamente com Doria e Janones. A sindicalista Vera Lucia (PSTU), o ex-deputado José Maria Eymael (DC) e o deputado Luciano Bivar (União Brasil) não pontuaram. Os votos em brancos e nulos somam 8% e os que não sabem em quem votar, 2%.

No levantamento de três semanas atrás, Lula tinha 45% das intenções de voto, e Bolsonaro, 31%. Para a pesquisa, o instituto entrou em contato por telefone com 1.000 entrevistados, de 16 anos ou mais, entre 2 e 4 de maio. O nível de confiança é de 95,5%. A sondagem foi registrada no Tribunal Superior Eleitoral. •



Reprodução

# MÁXIMO RESPEITO!

Entrevista de Mano Brown com a ex-presidenta Dilma Rousseff no podcast 'Mano a Mano' coloca frente a frente dois lutadores em defesa do Brasil, num diálogo franco sobre impeachment, racismo, educação e, claro, como fazer política para o povo

**Bia Abramo**

Uma conversa franca, mais do que uma entrevista, foi o que aconteceu no encontro da presidenta Dilma Rousseff com o rapper Mano Brown no final de abril. Ela foi a estrela de um dos episódios do podcast "Mano a Mano", a guinada certa de Brown, com a paradeira de shows provocada pela pandemia.

Na primeira temporada, em 2021, o podcast foi segundo no ranking dos mais ouvidos na plataforma Spotify. Ele fez entrevistas memoráveis e de enorme audiência, com Lula, inclusive, o segundo

episódio e primeiro lugar na lista dos mais ouvidos em 2021. Outra foi a entrevista com o médico Drauzio Varella, que ficou quarto lugar dos mais ouvidos.

Em 2022, em coletiva realizada em março antes da estréia da segunda temporada, o líder dos Racionais já havia prometido um episódio com Dilma, "uma das mulheres mais injustiçadas da história do Brasil". Mesclando nomes da cultura negra, afro urbana e da periferia a personalidades políticas ligadas à luta anti-racista ou pela democracia, o podcast tem provocado pequenos abalos sísmicos na imprensa tradicional por suas entrevistas

mais longas, em profundidade e bem produzidas.

A entrevista com a ex-presidenta Dilma Rousseff foi uma aula sobre os vários Brasis que convivem no mesmo território chamado Brasil. Tem duração de uma hora e 39 minutos. De gerações e classes sociais diferentes, trajetórias educacionais e profissionais díspares, a economista e o artista souberam encontrar os terrenos comuns para encetar um diálogo em que essas diferenças somam, em vez de diminuir.

Numa espécie de esquentar no início do podcast, Brown perguntou sobre a infância e adolescência, o que fez Dilma contar histórias

de uma vida tenra e privilegiada de classe média, com acesso a boas escolas públicas, pai imigrante búlgaro e mãe mineira católica, numa Belo Horizonte dos anos 50.

Quebrado o gelo inicial – e Dilma não se furtou de pontuar suas respostas a Brown com seus “querido”, “queridinho”, “meu filho” e “meu amor” –, o grande tema da injustiça, vivido tanto por entrevistador quanto pela entrevistada ainda que por perspectivas completamente distintas, perpassou os principais assuntos abordados ao longo do episódio.

Temas duros como impeachment, racismo, misoginia e a necessidade de investir na educação e adotar políticas compensatórias no país foram abordados por uma Dilma direta. Abaixo, um resumo das principais declarações.

## Infância

“Eu nasci numa família com um forte componente mineiro. Apesar do meu pai ser búlgaro, a minha mãe era mineira e aquela mineira do interior. A gente foi morar num bairro em Belo Horizonte chamado Funcionários, um bairro de classe média. Minha infância foi muito feliz. Uma das coisas mais importantes da minha infância foi ter estudado em escola pública. Quando comecei, a escola pública era muito boa. Colégio privado era PPP. Sabe o que era isso: ‘Papai paga e passa’ (risos)”.

## Desigualdade

“Estudei em colégio de freira em Belo Horizonte no começo da minha infância. E elas desenvolviam um trabalho social no morro perto de casa. E aquilo me tocou. Teve até um episódio engraçado. Naquela época, as pessoas pediam um prato de comida na porta da casa da gente. Eu tinha uns 7 anos de idade. E apareceu um menino na porta de casa. E pediu. Eu fiquei conversando com o menino. E eu tinha uma nota de di-

neiro. E gostei muito do menino. Tanto que rasguei a nota ao meio e dei uma metade para o menino e fiquei com a outra parte. Meu pai ria que se deitava... Achou um gesto muito generoso de minha parte, um senso de justiça. E a minha falava: ‘essa menina é boba... Como é que ela dá metade da nota’”.

## Racismo

“Sou movida por questões sociais, raciais e de mulheres, que estão intimamente ligadas. A dificuldade no acesso à educação no país interessa a elite ignorante, que tem uma tradição absolutamente escravocrata. O que eu acho mais absurdo no Brasil é a absoluta insensibilidade da elite brasileira pelo destino do seu próprio povo. Isso é imperdoável”.

## Eleições

“Não quero compromisso eleitoral porque quero falar as coisas que acredito. A bola corra, eu participo, posso ajudar de várias formas”.

## Idade

“Não tô nova não. Uma pessoa de 74 anos é tudo, menos nova. Estou naquela fase em que a descida é descida mesmo, viu meu filho. Não me engano, não”.

## Mulheres brasileiras

“São elas as que mais me defendem e são as mais críticas em relação a este governo. Toda pesquisa de opinião mostra que 60% das mulheres têm a visão de que este governo não serve para o Brasil. Diferente dos homens, que é menos, 42%, se não me engano. Então, tenho muito orgulho. A mulher sabe das coisas, é crítica”.

## Golpe de 2016

“Me sinto vítima de um golpe dado pelo fato de ter defendido um projeto. Como tentaram

dar no Lula, alegando que ele era um operário sem condições. Até aventaram isso, mas pararam porque ficou claro qual era a visão que o mundo tinha de Lula. O que digo é que fui objeto do machismo e da misoginia. Só que não foi só por causa disso que levei o golpe. Levei o golpe porque representava um projeto maior”.

## Imprensa

“Nunca vi ninguém da Globo, da Folha de S.Paulo, Estadão defender a primeira presidenta mulher eleita desse tipo de tratamento. Talvez porque esse tratamento deva ser aceito para mulheres que, como eu, fogem do padrão ‘bela, recatada e do lar’ e ousam a entrar no âmbito masculino, o do poder.”

## Minha Casa, Minha Vida

“Não [era] um programa Minha Mansão Minha Vida, mas um programa para os mais pobres, famílias dirigidas por mulheres, com filhos”.

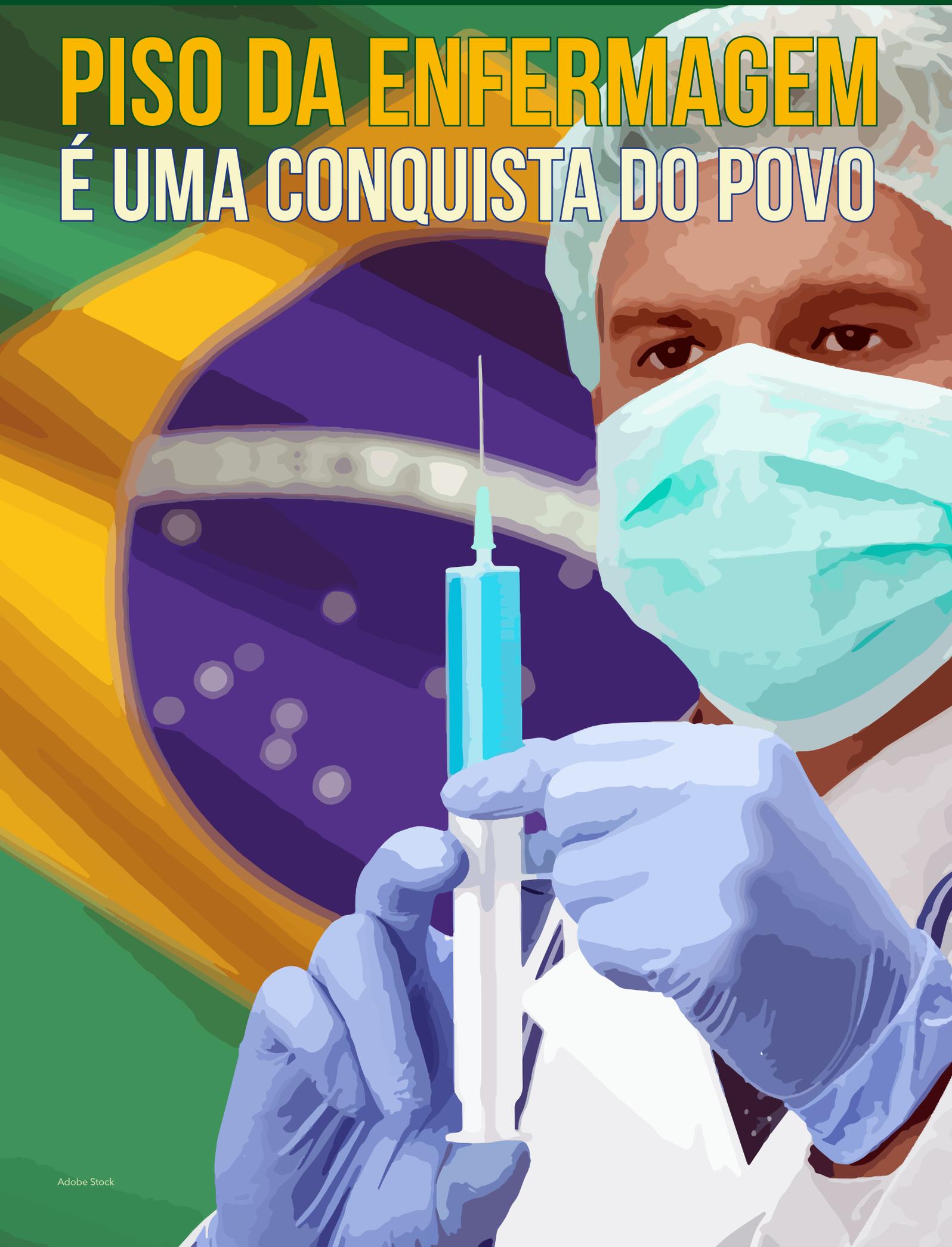
## Mais Médicos

“Como não havia médicos no interior do país e nas periferias das grandes cidades, fomos buscar os melhores médicos para saúde pública em Cuba. Estava dando tudo tão certo, médico indo na casa das pessoas como tem de ser, a população dizendo que o médico cubano examinava de perto, conversava... Criamos cursos de medicina nas [universidades] federais, mas leva tempo para formar. Mas esses médicos que faziam um trabalho decente foram todos mandados embora. Veio a pandemia e morreram mais de 650 mil brasileiros. A saúde do Brasil estava desarmada, sem médicos, sem posto de saúde”. •

\* O episódio de Mano a Mano, com Dilma Rousseff, bem como todos os da primeira temporada, está disponível na plataforma Spotify.

SAÚDE

# PISO DA ENFERMAGEM É UMA CONQUISTA DO POVO



Projeto foi aprovado pela Câmara e não causará aumento de despesas aos estados e municípios, uma vez que a União é quem deverá fazer o repasse. Este é um ganho para a sociedade brasileira. Mas a luta não terminou. Bolsonaro pode vetar a lei

**\*Reginaldo Lopes**

**A** aprovação do piso salarial da enfermagem, na última semana,

pela Câmara é uma conquista da sociedade brasileira.

A categoria congrega mais de 2,5 milhões de profissionais da saúde em todo o país e lutava há anos por salário justo e adequado ao imprescindível trabalho que prestam à Nação.

A bancada do PT na Câmara acompanhou e apoiou desde o início a luta dos enfermeiros, enfermeiras, técnicos e auxiliares de enfermagem e parteiras para garantir a aprovação do tão sonhado piso salarial.

O projeto do senador Fabiano Contarato (PT-ES) assegura piso de R\$ 4.750 para enfermeiros, 70% do valor para os técnicos de enfermagem (R\$ 3.325) e 50% para auxiliares de enfermagem e parteiras (R\$ 2.375). São valores justos para quem se entrega diuturnamente ao ofício de salvar vidas, muitas vezes colocando a sua própria em risco, como pudemos ver especialmente durante a pandemia.

O piso é uma vitória não só dos trabalhadores e trabalhadoras em saúde, mas da população. Faz-se justiça a quem trabalha nos postos de saúde, nos hospitais, nas casas de saúde,



em clínicas, em todos os espaços onde o ofício da enfermagem serve à vida das pessoas que precisam de cuidados.

É importante ressaltar que o novo valor do piso aprovado pela Câmara não vai causar aumento de

despesas aos estados e municípios, uma vez que a União deve fazer o repasse.

Segundo estudos debatidos por especialistas na Câmara Federal, no grupo coordenado pelo deputado Alexandre Padilha (PT-SP), o impacto no Orçamento da saúde não passa de 3,65% para custear os valores

**O IMPACTO DO PISO SALARIAL PARA OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO ORÇAMENTO DA SAÚDE NÃO PASSA DE 3,65%. MUITO POUCO PARA QUEM TANTO TRABALHA**

que sustentarão o novo piso da enfermagem.

Assim, a União tem a obrigação de fazer a sua parte e repassar os recursos a estados e municípios, com objetivo de garantir saúde de qualidade à população com a valorização dos profissionais, os quais atuam na ponta do Sistema Único de Saúde.

Destacamos ainda a mobilização permanente da categoria, que em nenhum momento deixou de dialogar, visitar gabinetes de parlamentares e líderes partidários, a fim de construir um movimento que mostrou a força e a união da enfermagem, para alcançar seu objetivo, consagrado por maioria esmagadora em plenário, no último dia 4. Foram 449 votos a favor e apenas 12 contrários.

Vale destacar que a luta ainda não terminou, uma vez que o projeto de lei vai à sanção presidencial. É crucial que as entidades e parlamentares pressionem o presidente Jair Bolsonaro para que sancione o texto na íntegra, sem vetos.

A bancada do PT na Câmara vai se empenhar - como fez desde sempre - para garantir a efetivação desse direito. Estamos juntos até a sanção presidencial do projeto e firmes pela consagração do piso salarial digno à enfermagem brasileira. •

Deputado federal eleito por Minas Gerais, é líder do PT na Câmara dos Deputados.



# COMO O PT SALVOU O BRASIL? REDUZINDO AS DESPESAS COM PESSOAL E ENCARGOS

Com Lula e Dilma, as despesas com pessoal caíram, entre 2004 e 2011 a 4,3% do PIB e, entre 2012 e 2014, a 3,8%. É muito menos do que o governo Fernando Henrique Cardoso gastava com pessoal em 2002: 4,8%. Nunca houve “gastança irresponsável”

**Eduardo Fagnani \***  
**Gerson Gomes \*\***  
**Guilherme Mello \*\*\***

**N**este vigésimo quinto artigo da série organizada para oferecer fatos e números que desconstruem a tese mentirosa de que a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”, vamos mostrar como os governos Lula e Dilma atuaram para reduzir as despesas com pessoal e encargos.

Nas análises anteriores, demonstramos a falsidade dessa narrativa de economistas e comentaristas do mercado, mostrando o comportamento de diversos indicadores econômicos nas gestões do PT. Agora, tratamos da evolução das despesas com pessoal e encargos, ressaltando que a narrativa mentirosa da “gastança irresponsável” fruto do “populismo da esquerda” também não se sustenta diante dos fatos.

Em 2002, a despesa com pessoal e encargos sociais representava 4,8% do PIB. Nos governos de Lula e Dilma, tal percentual caiu para 4,3% do PIB – entre 2004 e 2011, exceto 2009 – e, depois de 2012 até 2014, para um patamar de 3,8% do PIB. Em 2015, os gastos crescem ligeiramente em decorrência da queda do PIB, mas mantêm-se em patamar inferior ao verificado em períodos anteriores: 4%.

É interessante assinalar que os gastos com pessoal, indispensáveis para a expansão dos serviços sociais básicos, especialmente em um país de dimensões continentais como Brasil, são motivo de constante crítica no seletivo círculo dos cultores do “Estado Mínimo”.

A ideia subjacente é que, reduzidas as despesas com pessoal, os problemas fiscais do país estariam solucionados. No entanto, tais despesas são bem inferiores aos gastos com juros, que beneficiam basicamente instituições financeiras, investidores

externos e, indiretamente, uma pequena menor da população.

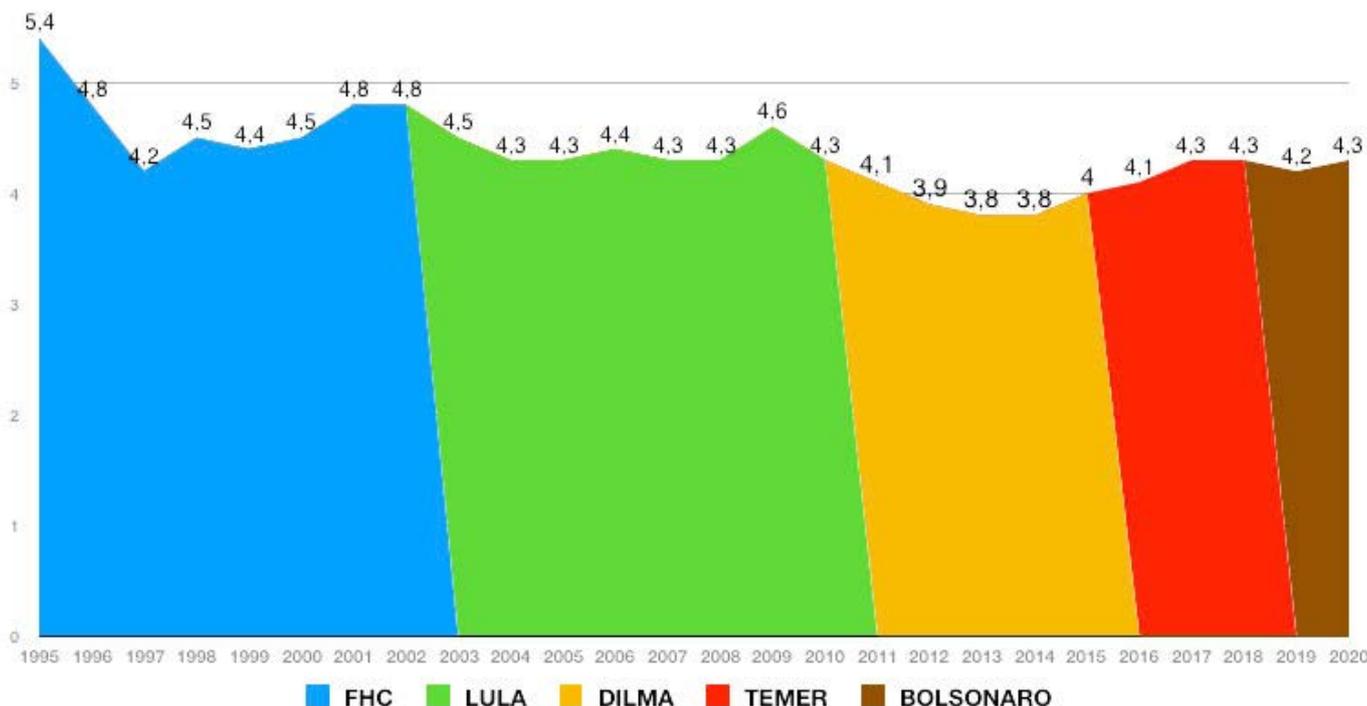
Em 2002, os gastos com juros alcançavam 7,7% do PIB. E, apesar de terem decrescido expressivamente até 2012, quando atingiram seu menor valor (4,4% do PIB), representaram em média, no período 2003/2014, 6,6 % do PIB. Ou seja, 57% a mais do que os gastos com pessoal – média de 4,2% no mesmo período.

Portanto, também nesse caso, não se sustenta a afirmação de que a “crise”, que teria sido gerada pelos governos do PT, teria sido “fundamentalmente crise de irresponsabilidade fiscal”, como o arbítrio mais delirante nunca se cansa de repetir. •

\* Doutor em Economia pela Universidade de Campinas e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT), da Unicamp. \*\* Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados. \*\*\* Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON-UNICAMP)

## Despesas com pessoal e encargos sociais

Em percentual do PIB. Período de 1995 a 2020



# CONSCIÊNCIA E UNIDADE DA CLASSE TRABALHADORA



Adobe Stock

Por que a burguesia nacional, um grupo com menos de 16 milhões de pessoas, é capaz de dominar política e ideologicamente a maioria da população, que reúne mais de 190 milhões de habitantes? Uma discussão para sairmos da letargia

Cesar Calejon

Segundo dados do World Inequality Report, existem atualmente 62 bilionários – que possuem mais de US\$ 1 bilhão – e algo entre 170 e 200 mil mi-



lionários no país. Esse último grupo capitaliza algo entre R\$ 188 mil e R\$ 5 milhões de reais por mês. É a alta burguesia brasileira.

Abaixo na pirâmide socioeconômica encontra-se a classe média, formada por 15,5 milhões de cidadãos,

que vivem com salários entre R\$

7 mil e R\$ 36 mil. Trata-se da baixa burguesia nacional.

A diferença fundamental entre o primeiro e o segundo grupos encontra-se no fato de que a alta burguesia é dona do capital, enquanto a baixa burguesia vende a sua força de trabalho como única forma de sobrevivência acreditando ser parte dos grandes capitalistas.

Abaixo desses dois grupos,

estão as camadas mais empobrecidas da população. São 190 milhões de pessoas que vivem, com no máximo, até R\$ 2,5 mil por mês. Muitas vezes, com menos do que isso. É a classe trabalhadora.

Por que um grupo com menos de 16 milhões de pessoas é capaz de dominar política e ideologicamente o outro que reúne mais de 190 milhões de habitantes?

Essa questão é extremamente complexa e abrange uma infinidade de variáveis sociais, políticas, midiáticas, econômicas e, em última instância, históricas e culturais sobre as quais não pretendo discorrer aprofundadamente neste artigo. Contudo, o aspecto central desta equação, de acordo com a minha interpretação, diz respeito à falta de consciência – pensamento crítico – e de unidade da classe trabalhadora.

Para os efeitos aqui propostos, o pensamento crítico tem três dimensões fundamentais que se aplicam para quaisquer disciplinas da atividade humana: (1) o questionamento, (2) a materialidade e a (3) mudança.

Inicialmente, ao operar alinhado ao pensamento crítico, o indivíduo passa a questionar todas as coisas, o que é radicalmente diferente de desacreditá-las. Assim como não cabe dizer que o sujeito “deve” operar dessa ou daquela maneira, simplesmente porque o pensamento crítico não pode ser imposto por meio de determinação. Ele deve ser alcançado e aplicado por deliberação.

Nesse sentido, questionar significa não aceitar quaisquer formulações prontas antes de um amplo escrutínio racional que seja suficiente para atender aos parâmetros determinados a comprovar a veracidade de algo em certa ocasião. Desacreditar significa seguir negando a validade de algo quando esses

critérios foram atendidos, o que, seguramente, caracteriza um equívoco crasso.

Por exemplo: de acordo com essa lógica, deve-se questionar a existência da força da gravidade, mas, uma vez efetivamente comprovada a sua influência sobre o mundo material, não cabe mais o descrédito dos seus efeitos, sob pena de se arcar com as consequências trágicas que podem ser facilmente compreendidas ao ver um corpo cair e se arrebentar contra o solo.

Em seguida, entra em cena a materialidade referente à determinada seara para realizar o

## DURANTE ANOS, A MÍDIA E O BOLSONARISMO USARAM O ANTICOMUNISMO E A FALÁCIA DE QUE O PT HAVIA “QUEBRADO O BRASIL”

questionamento. Assim, o mero ato de questionar não basta para caracterizar o pensamento crítico. No caso da gravidade, para nos atermos ao exemplo aqui formulado, significa entender como essa força, de fato, se comporta. Ou seja, compreender a materialidade pertinente a essa disciplina.

Esse princípio, evidentemente, aplica-se para diferentes áreas que transcendem as ciências

naturais. Sobre tudo nas ciências sociais aplicadas, o confronto de narrativas e o combate às retóricas de ódio funcionam de forma mais eficaz quando estão apoiados por fatos.

Durante anos, por exemplo, a mídia e o bolsonarismo usaram o anticomunismo e a falácia de que o Partido dos Trabalhadores havia “quebrado o Brasil”. Contudo, diversos indexadores sociais, como o preço da gasolina, da taxa de conversão entre o real brasileiro e o dólar estadunidense, o Índice de Gini, o Índice de Desenvolvimento Humano, o preço do gás de cozinha, as reservas internacionais, o Produto Interno Bruto e muitos outros demonstraram, categoricamente, que tal narrativa é falaciosa. Ou seja, a materialidade factual correlata ao assunto em questão desmonta a falácia propagada pelo bolsonarismo.

Finalmente, a última dimensão do funcionamento do pensamento crítico, conforme aqui definido, trata de ser capaz de usar o questionamento e a materialidade para promover a conscientização e, conseqüentemente, a emancipação das camadas mais empobrecidas e vulneráveis da população.

Neste sentido, não basta garantir que os brasileiros façam três refeições diárias, mas é necessário assegurar o desenvolvimento intelectual e crítico da população de forma mais ampla, sobretudo, em disciplinas como economia política, dinâmicas constitucionais e geopolítica global. Porque essas áreas são imprescindíveis para manter a unidade da classe trabalhadora, força que, por sua vez, é a principal protagonista em qualquer processo legitimamente emancipatório. Caso contrário, estaremos recorrentemente à mercê de forças desestabilizadoras e golpistas. •

\* Jornalista

# A VENDA DA ELETROBRÁS VAI PREJUDICAR O BRASIL



Adobe Stock

A não ser por justificativa ideológica, a venda da estatal nos moldes propostos não se justifica tecnicamente e é lesiva aos interesses dos brasileiros. Aqui estão argumentos reais para mostrar que a desestatização é ruim para a Nação

**Mauro Borges Lemos**

**A** privatização da Eletrobrás está prestes a acontecer. Além do próprio governo, parte significativa dos parlamentares, especialistas do setor elétrico e da mídia considera que sua efetivação é um passo importante para maior eficiência da economia. Os argumentos apresentados aqui remam no sentido contrário dessa correnteza objetivando redução do custo de energia limpa e maior competitividade da economia em um mundo globalizado.

Como muitos debates relevantes para a sociedade, a privatiza-



ção da Eletrobrás tem caído na vala comum de escolhas ideológicas entre os "liberais" (a favor) e os "estatistas" (contra). Com isso, o debate perdeu a racionalidade que as decisões complexas necessitam.

Mesmo com a crescente presença das operadoras privadas no setor elétrico, hoje o grupo Eletrobrás detém 30% da capacidade total de geração elétrica instalada (50,7 GW) e 44% das linhas de transmissão. Tem, também, participação societária majoritária de todas as usinas consideradas "estruturantes" da matriz elétrica brasileira: Itaipu, Belo Monte, Tucuruí, Santo Antônio e Girau.

A melhor forma de debater a privatização, nos termos da Lei 14.182/2021, é analisá-la a partir do papel da Eletrobrás no fornecimento de energia elétrica para a população. Este é um serviço essencial de utilidade pública. Portanto, o que importa é saber se a privatização afeta a eficiência deste serviço essencial pelos quesitos de modicidade, universalidade e qualidade.

A modicidade significa tarifas menores aos consumidores, domicílios e empresas. O principal impacto sobre as tarifas advém da chamada "descotização". A lei da privatização altera o regime de exploração da grande maioria das usinas hidrelétricas sob concessão da União à Eletrobras, pela desconstrução da energia elétrica sob o regime de "cotas"

para o regime de “produtor independente”. Como essas usinas são antigas, com investimentos de construção já amortizados, o preço da energia gerada pelo regime de “cotas” é calculado pelo custo de operação – incluída a remuneração do operador.

As estimativas oficiais sugerem que a passagem do regime de “cotas” para o regime de “produtor independente” significaria um aumento do preço de energia vendida às distribuidoras, incluído o chamado “risco hidrológico”, da média de R\$ 93/MWh para um espectro estimado entre 164/MWh (média ponderada MME) e 250/MWh (valor máximo ANEEL).

Visando mitigar este impacto que aumentaria a tarifa para os consumidores, a lei reserva 50% do valor das novas outorgas de concessão para a Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), ficando os outros 50% para o Tesouro. A previsão é que o valor total de outorga seja de R\$ 67 bilhões.

No entanto, especialistas são unânimes em considerar o montante de R\$ 33,5 bilhões destinado à CDE insuficiente para neutralizar o impacto tarifário. O problema associado à essa elevação de tarifas é restrição maior ao acesso à energia pelas famílias pobres.

O governo e os defensores da privatização argumentam que um de seus efeitos positivos é trazer “maior eficiência e competitividade” para o mercado, o que pode contribuir para redução do preço da energia no país.

No entanto, a diluição acionária e a gestão profissional privada em nada garante a maior competitividade no setor, pois a governança da “Eletrobrás privada” vai buscar maximizar os dividendos de seus acionistas e, para isto, vai exercer seu poder de mercado sem as travas atuais do interesse público via controle da União.

A “Eletrobrás privada” ainda

teria controle de quase 25% do mercado de oferta de geração de energia, se constituindo num oligopólio privado com significativo poder de interferência nas tarifas. Uma vez que a lei não impede cruzamento de capital, o mais provável é que entre os novos acionistas da venda das ações estejam grandes players do setor já estabelecidos no Brasil.

A questão da maior eficiência da gestão privada no caso dos ativos de concessão da Eletrobrás é

## O BRASIL PODERIA SEGUIR O CAMINHO DOS PAÍSES RICOS, COMO EUA, CANADÁ E NORUEGA, COM A REVERSÃO DAS USINAS VELHAS PARA A UNIÃO

também falaciosa. Sem desafios de gestão, os ativos velhos (brown-fields) de geração e transmissão são recursos da sociedade brasileira há muito amortizados. Isto é muito diferente de investimentos em ativos novos do setor (green-fields), em que a gestão privada pode ser bem mais eficaz (maior flexibilidade sem interferências políticas).

Por fim, o quesito da qualidade. Os “jabutis” presentes na lei da privatização a tornam pior ainda. Os “jabutis” afetam indiretamente a qualidade pelo impacto ambien-

tal, que se tornou uma questão crítica para o planeta, e diretamente a modicidade, e por tabela, o acesso-universalidade.

O impacto ambiental se dá, principalmente, pela obrigatoriedade de contratação do expressivo montante de 8 GW de térmicas a gás natural – equivalente a uma Tucuruí! – para energia nova de reserva, cujo despacho terá inflexibilidade de 70%, o que prejudica as fontes renováveis.

O impacto estimado é de aumento de 33% das emissões de CO2 pelo setor elétrico do país, dificultando o cumprimento da NDC brasileira do Acordo de Paris. O efeito sobre as tarifas de R\$ 52 bilhões até 2036, segundo a EPE, equivale 80% do valor total da outorga.

A não ser por justificativa ideológica, a privatização nos moldes propostos não se justifica tecnicamente e é lesiva aos interesses dos brasileiros.

Um melhor modelo deveria ser voltado para redução das elevadas tarifas de energia elétrica do país. O Brasil poderia seguir o caminho dos países ricos também abundantes em recursos hídricos, como Estados Unidos, Canadá e Noruega, com reversão das usinas velhas para a União. A venda de aproximadamente 40% da energia elétrica gerada e 44% do transporte de energia (transmissão) a preço de custo teria impactos substanciais para os consumidores e contribuiria para um aumento da produtividade nacional.

O futuro da Eletrobrás sem ativos amortizados, poderia ser objeto de uma discussão na sociedade, sem mitos e açodamentos. •

Economista, foi presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, no governo Dilma, e presidente da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG).

Getty Images



3 de maio de 1968

## ATO DE ESTUDANTES É REPRIMIDO EM PARIS

Em 3 de maio de 1968, uma manifestação contra o fechamento da Universidade de Nanterre eclode em Paris. Estudantes ocupam a Sorbonne e são reprimidos violentamente pela polícia, que realiza mais de 600 prisões. Com a Sorbonne fechada, os protestos ganharam as ruas. Baricadas foram levantadas e mais de 500 mil pessoas percorreram as vias da cidade.

No décimo dia de efervescência, 10 milhões de operários cruzaram os braços em greve, ampliando ainda mais o movimento de protestos na França. Materializa-se a união dos estudantes e dos trabalhadores contra a po-

lítica trabalhista e educacional do governo do general Charles De Gaulle. Fábricas da Citroën e a Peugeot seriam ocupadas e a Bolsa de Valores, incendiada.

“Che está morto, mas a luta continua”, “É proibido proibir” e “A imaginação no poder” eram frases que estampavam faixas e cartazes espalhados pelas ruas. O movimento que contesta diretamente a autoridade é o estopim para rebeliões encabeçadas pela juventude ao redor de todo o mundo. Ainda em 1968, estudantes enfrentariam a polícia na Europa, nos Estados Unidos, no México, na Argentina e no Brasil.

12 de maio de 1978

## ESTOURA A GREVE DA SCANIA EM SP

Trabalhadores do turno da manhã da fábrica de caminhões da Scania-Vabis, em São Bernardo do Campo, vestem seus uniformes, batem o cartão de ponto e cruzam os braços diante das máquinas. Assim começava o dia 12 de maio de 1978, iniciando a onda de greves que tomaria conta do ABC paulista e se espalharia por todo o país, entrando para a história do movimento sindical.

A paralisação na Scania desafia a lei anti-greve da ditadura e surpreende os patrões por sua organização – sem piquetes e com a adesão pacífica dos quase 2.500 trabalhadores da fábrica. A principal reivindicação era um reajuste salarial de 20%.

Três dias depois do início da paralisação, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema foi chamada para intermediar a negociação com os grevistas. Naquela altura a greve já tinha se estendido aos 10 mil metalúrgicos da Ford, aos 1.500 da Mercedes-Benz e aos mais de 1 mil operários de um setor da fábrica da Volks. O sindicato conduziu as negociações caso a caso.

7 de maio de 2007

## NASCE O PARLAMENTO DO MERCOSUL

A primeira sessão do recém-criado Parlamento do Mercosul – Parlasul – acontece em Montevideo, no Uruguai, em 7 de maio

de 2007. A assembléia reúne representantes dos países-membros do bloco – Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, além da Venezuela, com direito a voz mas sem direito a voto. O órgão passa a ser formado por 90 integrantes e 10 comissões temáticas.

Os tempos eram de fortalecimento da integração regional lati-

no-americana. Naquele contexto, o Parlasul nasceu da vontade dos envolvidos em debater as reivindicações sociais de cada país e zelar pela preservação de seus regimes democráticos. Os encontros mensais passam a se tornar palco de importantes discussões, como os acordos econômicos com a União Europeia.



12 de maio de 2016

## DILMA ALERTA: “ESTÁ EM JOGO O FUTURO DO PAÍS”

Às 6h30 da manhã de 12 de maio de 2016, o plenário do Senado aprova a abertura de processo contra a presidente Dilma Rousseff por crime de responsabilidade. Injustamente e sem provas, num processo repleto de irregularidades e fraudes, Dilma foi acusada de infringir normas fiscais.

Naquele mesmo dia, por volta das 10 h, depois de ser comunicada da decisão, a presidenta faz um discurso histórico. E adverte: “O que está em jogo é o futuro do país, a oportunidade e a esperança de avançar sempre mais”. Ela atacou os partidos de oposição que perderam as eleições presidenciais por quatro vezes consecutivas: em 2002 e 2006, com Lula; e em 2010 e 2014.

“Desde que fui eleita, parte da oposição, inconformada, pediu recontagem de votos, tentou anular as eleições e depois passou a conspirar abertamente pelo meu impeachment. Mergulharam o país em um estado permanente

de instabilidade política, impedindo a recuperação da economia com um único objetivo: de tomar à força o que não conquistaram nas urnas”, lembrou.

Dos 78 senadores presentes à sessão, 55 votam favoravelmente ao relatório pró-impeachment de Antonio Anastasia (PSDB-MG), relator da denúncia. Outros 22 votaram contra. Às 10h, Dilma era afastada, temporariamente, do cargo de presidente, para o qual foi eleita com 54,5 milhões em 2014.

Começava ali o calvário da democracia, agredida com o impeachment, machucada pelos atentados contra a Constituição e ferida pela retirada sucessiva de direitos sociais e dos trabalhadores. Por fim, vilipendiada pelo governo de Michel Temer, que chegava ao poder com o apoio da mídia e das classes dominantes brasileiras, interessadas em impor uma agenda ultraliberal. Foi o Golpe de 2016 que permitiu a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder.

### Outras datas históricas

**06/05/1949:** Nasce Antonio de Neiva Moreira Neto, integrante do Diretório Nacional do PT.

**08/05/1950:** Nasce Luiz Gushiken, que lideraria o movimento dos bancários nos anos 70 e 80 em São Paulo e se tornaria deputado federal e ministro no governo Lula.

**10/05/1986:** Assassinado a tiros o Padre Josimo Tavares, coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Araguaia-Tocantins, por fazendeiros contrários ao seu trabalho junto a famílias na região. Chamado pelos agricultores de “padre negro de sandálias surradas”, ele se tornou um dos mártires da luta pela terra no Brasil.

**10/05/1994:** Nelson Mandela assume a Presidência da África do Sul.

**10/05/2017:** Lula presta depoimento a juiz Sérgio Moro, em Curitiba (PR).

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.*

Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)

[memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)

# em busca de Anselmo

produzido por  
Camilo Cavalcanti

roteiro e direção  
Carlos Alberto Jr.

produção executiva  
Camilo Cavalcanti e  
Viviane Mendonça

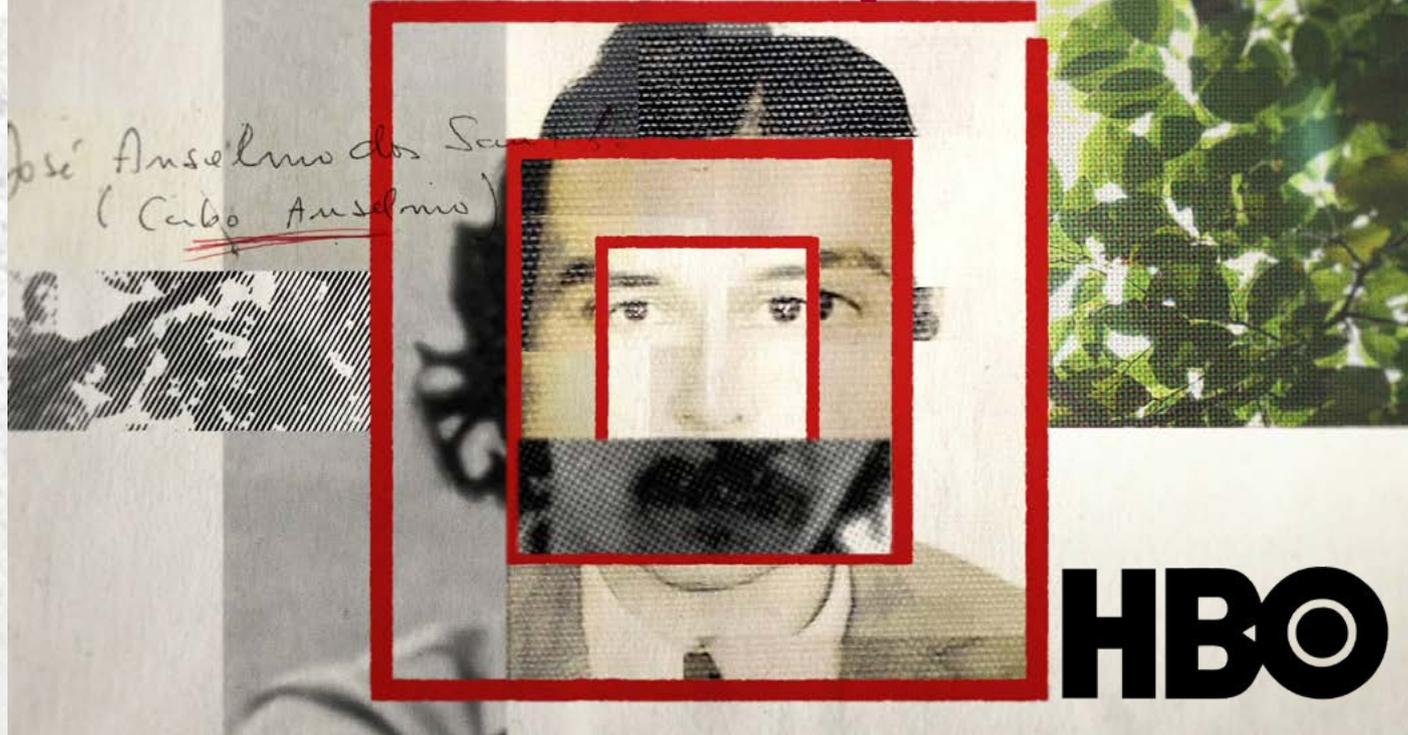
direção de fotografia  
Pedro Semanovschi

música original  
Lucas Mercier  
Fabiano Krieger  
Pedro Mibielli

coprodução  
WarnerMedia Latina America  
Clariô Filmes

Conheça a  
jornada de  
José Anselmo  
dos Santos.  
Protagonista  
de um dos  
capítulos mais  
significativos  
da luta contra a  
ditadura militar.

minisérie em cinco capítulos





**COMITÊ  
POPULAR  
DE LUTA**



Saiba como criar um comitê  
[pt.org.br](http://pt.org.br)

# BICENTENÁRIO

1822 ..... 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA  
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

20  
anos

Centro  
Sérgio  
Buarque  
de Holanda  
Documentação e  
Memória Política  
Instituído em 2001